

# ESCOLA

# NO ESQUADRO



Em busca de mais luz na Maçonaria

**CURSO:**

# HISTÓRIA DA MAÇONARIA NO BRASIL

DURAÇÃO: 40 dias

PROFESSOR: Kenyo Ismail

MODALIDADE: Ensino à Distância – EaD

REQUISITO RECOMENDADO: Introd. à  
Maçonaria

Brasília-DF

Novembro de 2017.

## APRESENTAÇÃO

Prezado Irmão, meu nome é Kennyo Ismail e serei o instrutor deste curso de História da Maçonaria no Brasil. Sou professor universitário, Mestre pela EBAPE-FGV, com experiência em Ensino à Distância e Presencial, além de pesquisador acadêmico, escritor e palestrante. Na Maçonaria, sou Mestre Instalado, Cavaleiro Templário do Rito de York e 33º grau do Rito Escocês Antigo e Aceito. Se quiser saber um pouco mais a meu respeito, acesse [este link](#) do blog “No Esquadro”.

Como se sabe, buscar uma formação maçônica complementar de qualidade é um grande desafio. Nesse sentido, o blog “No Esquadro”, que tem, desde 2010, oferecido conteúdo maçônico de qualidade, numa linguagem de fácil assimilação, e servido de fonte de informação e notícia a dezenas de milhares de maçons do Brasil e de todo o mundo, tornando-se, assim, o principal blog maçônico do país, decidiu pela criação da **Escola No Esquadro**, que tem por objetivo tornar o conhecimento maçônico mais acessível, em todos os sentidos, “em busca de mais luz na Maçonaria”, como bem diz seu lema.

A **Escola No Esquadro** oferece diversos cursos de pequena duração, mas que juntos formam trilhas de aprendizagem. Essas trilhas de aprendizagem são muito utilizadas atualmente na educação corporativa, ou educação organizacional (o que a Maçonaria não deixa de ser), e tem se mostrado um método mais eficaz do que o modelo convencional de educação, no que tange ao desenvolvimento dos participantes. Trata-se de um modelo mais apropriado à aprendizagem de conhecimentos não convencionais, e quando digo “não convencionais”, refiro-me àqueles conhecimentos que não são ensinados nos colégios e universidades típicas, como é o caso do conhecimento maçônico.

## SOBRE O CURSO

Ao florescer no Brasil, em apenas 25 anos a Maçonaria alcançou seu intuito inicial, de participar ativamente da independência do país, tendo promovido o Dia do Fico, a convocação da constituinte, e a iniciação na Maçonaria de Dom Pedro I, que chegou a ser eleito Grão Mestre. Mas a atuação das lideranças maçônicas no território nacional não parou na Independência, alcançando também a proclamação da República e toda a chamada República Velha, proclamada por um maçom, o marechal Deodoro da Fonseca, o qual tratou de criar uma equipe composta apenas de ministros maçons, e que, dos 12 presidentes da chamada Primeira República, oito eram maçons.

Já a obra “O Senado e a Maçonaria – Uma Coletânea de Discursos”, organizada pelos Senadores da República Efraim Morais e Mozarildo Cavalcanti, evidencia uma presença maçônica mais recente na política brasileira, ao apresentar uma seleção de discursos enaltecendo a Maçonaria, proferidos entre 1957 e 2007 por 44 Senadores da República, em sua maioria maçons. Há ainda na obra uma lista de senadores maçons durante todo o período republicano, num total de 70. Entre os senadores maçons, destacam-se nomes de peso como Espiridião Amin, Mário Covas, Nilo Peçanha, Rui Barbosa e Washington Luís. Atualmente, o maçom com maior destaque na política brasileira é o Presidente da República, Michel Temer.

Entretanto, no Brasil de hoje, em plena era da democratização do conhecimento, quando os indivíduos estão, a cada dia, mais voltados para a privacidade de suas casas e aparelhos tecnológicos, e suas relações sociais concentradas nas redes sociais, existe futuro para uma instituição como a Maçonaria, voltada em mistérios e na qual se estuda e debate ensinamentos de um passado longínquo, em reuniões presenciais?

Neste curso de História da Maçonaria no Brasil você aprenderá sobre:

- O surgimento da Maçonaria no Brasil e sua consolidação e atuação política e social durante o século XIX.
- Os diversos fatores impactantes do período de brigas, cisões, perseguições e “sonolência” da Maçonaria brasileira durante o século XX.
- Os sinais atuais que podem ou não predizer o despertar maçônico brasileiro no século XXI.

## 1. SÉCULO XIX

O século XIX foi o século das grandes transformações para o Brasil: de colônia a reino unido, de reino unido a império independente, e de império a república. Tudo isso durante o século XIX, ocorrendo ainda, entre uma guinada política e outra, revoltas regionais, abolição da escravidão, imigração em massa, criação das primeiras universidades, etc. Nada mal, depois de trezentos anos de relativa calma colonial.

Somos a única nação de todo o continente americano que já foi um verdadeiro império. Somos o maior país em território, população e economia de toda a América Latina e Hemisfério Sul do mundo. E tudo isso se deve aos fatos ocorridos no século XIX, que também é o século do florescimento da Maçonaria no Brasil. E qual a real participação da Maçonaria nessas importantes transformações brasileiras nesse período? Este capítulo é dedicado à resposta dessa pergunta.

### 1.1. Antes de 1822

#### 1.1.1. *Bahia ou Rio de Janeiro?*

A história que quase todos os historiadores maçons brasileiros descreveram pode ser resumida da seguinte forma: Em 1815, nove maçons fundaram Rio de Janeiro a Loja “Comércio e Artes”, a Loja Primaz do Brasil. Após um breve período de interrupção, em 1822, a Loja contava com noventa e quatro membros, os quais dividiram a Loja em três e fundaram o Grande Oriente do Brasil, Obediência Primaz do Brasil.

Apesar dos esforços de muitos autores maçons em negar tal fato, o pioneirismo maçônico brasileiro ocorreu no Nordeste, mais precisamente na Bahia. A primeira capital do Brasil também foi berço da primeira Loja Maçônica: “Cavaleiros da Luz”, fundada em 1797. Nada mais justo. Se quase tudo no Brasil começou na Bahia, por que na Maçonaria seria diferente? O historiador e maçom Francisco Borges de Barros (1928), que foi diretor do Arquivo Público da Bahia e relatou pela primeira vez a existência dessa Loja, ainda deu conta de que a Loja “Cavaleiros da Luz” foi a chama principal da Conjuração Baiana. Nada mal para os nossos pioneiros.

#### **LEITURA COMPLEMENTAR RECOMENDADA:**

Disponibilizo no link abaixo PDF do trecho da obra referida sobre a primeira Loja Maçônica em território brasileiro:

[https://drive.google.com/file/d/0Bx8Jc3L0o\\_WccEJMTG9CS1NkaEU/view?usp=sharing](https://drive.google.com/file/d/0Bx8Jc3L0o_WccEJMTG9CS1NkaEU/view?usp=sharing)

No Rio de Janeiro, a Maçonaria teve início com a fundação da Loja Reunião, em 1801, filiada ao Grande Oriente de França. Alexandre Mansur Barata (2011), explica que esse processo teve início com estudantes brasileiros em universidades na Europa, que iniciavam na Maçonaria europeia e, ao retornarem ao Brasil, fundaram Lojas Maçônicas, principalmente no Rio de Janeiro, Minas Gerais, Bahia e Pernambuco, que “se transformaram em espaços de crescente efervescência maçônica”. A partir daí, Laurentino Gomes credita à Maçonaria o pioneirismo na chegada das ideias revolucionárias ao Brasil, apesar do isolamento e do atraso impostos por Portugal.

### **1.1.2. Tiradentes era maçom?**

Não podemos confundir “pioneirismo na chegada das ideias revolucionárias ao Brasil” com “protagonismo nas revoluções no Brasil”. Muito se tem falado e escrito sobre a suposta filiação maçônica de Tiradentes, herói da inconfidência mineira e, após a Proclamação da República, exaltado a herói nacional. Muitos autores, maçons ou não, exaltaram Tiradentes como um maçom convicto e entusiasta em suas obras. E, seguindo esse movimento, surgiram muitas Lojas cujos nomes distintivos homenageiam o herói: Tiradentes, Alferes Tiradentes, Joaquim José da Silva Xavier, entre outras variações.

Joaquim Felício dos Santos (1868) foi um desses autores, ao afirmar que “quando Tiradentes foi removido da Bahia, trazia instruções secretas da Maçonaria para os patriotas de Minas Gerais”. Marcelo Linhares (1998) também, ao escrever que “de Tiradentes se diz haver iniciado na Bahia, quando em seus primeiros tempos de vida profissional mascateou no eixo Minas-Bahia”. Nessa mesma linha há Lima Júnior (1955), que relata que Tiradentes, “iniciado na Maçonaria, tomava parte nas reuniões desta, no Rio de Janeiro e pregava suas doutrinas onde quer que se encontrasse”. Mas o prêmio vai para Tenório de Albuquerque (1959), que não se contentou em afirmar que Tiradentes era maçom, declarando ser o mesmo 33º grau do Rito Escocês Antigo e Aceito e fundador de diversas Lojas.

A teoria maçônica de Tiradentes levou a um desdobramento de tamanha grandeza que chegou a impulsionar a teoria de que Tiradentes não morreu enforcado, tendo sido salvo por uma conspiração maçônica que colocou um ladrão para morrer em seu lugar, Isidro de Gouveia, providenciando a fuga de Tiradentes para a França (SILVA, 1999).

Alguns autores maçons se esforçaram na tentativa de desmitificar tais afirmações. José Castellani (1993, p.25) foi um desses:

Existem, todavia, autores, que, aproveitando um período nebuloso e de grande carência de registros históricos, falam da existência de Lojas, principalmente na Bahia, nos meados do século XVIII, o que, por falta de qualquer prova documental, é uma afirmação tão temerária quanto aquela dos que apontam os conjurados mineiros, principalmente o Tiradentes, como Maçons, sem que haja qualquer apoio histórico documental para tal afirmação.

Outro foi Kurt Prober (1984), que creditou a farsa principalmente a Tenório de Albuquerque, referindo-se à afirmação de Tiradentes sendo maçom como uma fábula.

Como se sabe, Tiradentes foi preso em 1789. Logicamente, sua iniciação necessariamente teria que ter ocorrido antes disso. Não tendo recebido educação no exterior, sua iniciação necessariamente teria que ter ocorrido no Brasil, mais especificamente no eixo Bahia-Minas Gerais-Rio de Janeiro, em que há registro de suas passagens. Considerando o fato de que a mais antiga Loja Maçônica no Brasil que se há menção foi fundada em 1797, tal possibilidade torna-se impossível (MORAES, 2014). E considerando que o Rito Escocês Antigo e Aceito teve seu ingresso no território brasileiro apenas em 1832, outra impossibilidade é de sua condição de 33º grau.

#### **LEITURA COMPLEMENTAR RECOMENDADA:**

Apesar de muitos creditarem a Tiradentes filiação maçônica, recomendo a leitura do artigo: “Tiradentes, maçom iniciado?”, de Marco Antônio de Moraes (2014), disponível em:

<http://cienciaemaconaria.com.br/index.php/cem/article/view/34>

#### **1.1.3. A primeira Obediência Maçônica do Brasil e a primeira Proibição da Maçonaria**

Retornando nossos olhos ao Nordeste, mesmo com a dissolução daquela primeira Loja na Bahia, com o passar dos anos a Maçonaria foi se desenvolvendo no fértil solo baiano: em 1802 surgiu a Loja “Virtude e Razão” que, depois de um breve tempo de adormecimento, foi reerguida com o nome “Virtude e Razão Restaurada”, na mesma época em que, também de seu espólio, surgiu a Loja “Humanidade”. Ainda no Nordeste, não demorou para que a luz maçônica iluminasse, por influência da Bahia, o Estado de Pernambuco.

Sobre Pernambuco, é necessário aqui um comentário à parte. Apesar de muitos escritores maçons assim desejarem, a “Areópago de Itambé” não era uma Loja Maçônica. No século XVIII existiam centenas de instituições criadas aos moldes da Maçonaria, utilizando símbolos iguais ou similares, e até dividindo os graus em Aprendiz, Companheiro e Mestre aos moldes da Maçonaria. Era uma verdadeira “coqueluche” de Ordens, Clubes e Associações, e era muito comum os homens livres serem membros de duas ou mais dessas diferentes instituições, até mesmo no Brasil. Um exemplo disso é o “Apostolado”, da qual José Bonifácio, Gonçalves Ledo e D. Pedro I também faziam parte (COSTA, 1956). Ser inspirada na Maçonaria não é o mesmo do que ser Loja Maçônica.

Sobre o Apostolado, Morel e Souza (2008) o consideraram como um rival do Grande Oriente do Brasil, apesar de terem vários membros, principalmente lideranças, em comum. Essa visão de rivalidade se deve, principalmente, pelo papel de Antônio Teles da Silva Caminha de Meneses, homem de confiança de Dom Pedro I e importante líder no Apostolado, que serviu como testemunha de acusação contra membros do Grande Oriente do Brasil, em outubro de 1822.

Voltando a “verdadeira” Maçonaria, em 1809, atendendo às inúmeras Lojas que já existiam, foi fundado em Salvador o “Grande Oriente Brasileiro”, a primeira Obediência Maçônica brasileira (MOREL; SOUZA, 2008). Não era um “Grande Oriente da Bahia”, como os poucos historiadores maçons que o citam costumam se referir, pois era composto de, pelo menos, 09 Lojas: 03 na Bahia, 04 em Pernambuco e 02 no Rio de Janeiro. Maçons portugueses e brasileiros, muitos deles iniciados na França e Portugal, eram membros dessas Lojas. Tudo isso seis anos antes da fundação da “Comércio e Artes” e 13 anos antes da fundação do Grande Oriente do Brasil. Pernambuco, por contar com maior número de Lojas, ganhou em 1816 uma Grande Loja Provincial filiada ao “Grande Oriente Brasileiro”.

Interessante observar que mais uma vez a Maçonaria se fez presente na história: um dos responsáveis pela formação do Grande Oriente Brasileiro e tido como primeiro Grão-Mestre da Grande Loja Provincial de Pernambuco, Antônio Carlos de Andrada, foi o líder da Revolução Pernambucana, em 1817. Prova maior do papel decisório da Maçonaria no movimento pernambucano é a lei régia de 1818 proibindo sociedades secretas no Brasil (BARATA, 2011). Destaco aqui o fato de que Antônio Carlos de Andrada foi posteriormente um dos fundadores do Grande Oriente do Brasil, em 1822.

Antes que alguém tente justificar a constante omissão de tais fatos nas “versões oficiais” da Maçonaria brasileira por conta dessas Lojas e Obediência não terem sido regulares,

é importante observar que até mesmo a histórica Loja “Comércio e Artes” foi fundada sem Carta Constitutiva em 1815 e trabalhou de forma irregular até 1818, quando foi fechada (CARVALHO, 2010). Somente quando de seu reerguimento, em 1821, a “Comércio e Artes” se filiou ao Grande Oriente Lusitano.

O importante é esclarecer que, antes de fundada uma Loja situacionista, a qual deu origem à Obediência que promoveu a independência sob a manutenção do imperialismo no Brasil, houve várias outras Lojas e até Obediências oposicionistas, e muitos de seus membros morreram ou sofreram duras penas defendendo os princípios maçônicos de liberdade e democracia. E a Maçonaria brasileira de hoje tem o dever moral de honrar essa história.

#### **1.1.4. A resistência à proibição**

Morel e Souza (2008) nos apresentam com relatos de alguns focos de resistência à proibição do funcionamento de Lojas Maçônicas pela lei régia de 1818, lei que, apesar de alcançar as Lojas Maçônicas, curiosamente não alcançou o Apostolado. Um dos relatos é quanto a uma Loja em Ouro Preto, Loja “Mineiros Reunidos”, fundada em 1821 e incorporada ao Grande Oriente do Brasil logo após a fundação do mesmo, em 1822. Essa Loja, em 1824, contava com o apoio do então presidente da província, José Teixeira da Fonseca Vasconcelos, que solicitou permissão para o funcionamento da mesma ao ministro João Severiano Maciel da Costa, alegando que a Loja não apresentava ameaça à “boa ordem”.

Outro relato é do funcionamento da Loja “Vigilância da Pátria”, em 1825, no Rio de Janeiro, reunindo-se de forma secreta, clandestina e aleatória, seguindo um viés oposicionista ao governo de Dom Pedro I. Entre seus membros estavam Nicolau Vergueiro (posteriormente Senador) e o Marechal José Joaquim de Lima e Silva.

#### **1.2. De 1822 a 1832**

Após o sucesso da Revolução do Porto, em 1820, a Maçonaria brasileira tratou de retornar aos trabalhos e se reorganizar politicamente, alcançando seu ápice em 1822. Em junho daquele ano, um grupo de 94 maçons do Rio de Janeiro tomou a iniciativa de ultrapassar as fronteiras regionais da influência maçônica, institucionalizando-a em âmbito nacional, fundando assim o Grande Oriente do Brasil, cujo intuito era o de promover a independência do Brasil. A iniciativa alcançou a influência desejada, inclusive promovendo a iniciação de Dom

Pedro I, que chegou a ser eleito Grão Mestre. Sobre as ações da Maçonaria brasileira em 1822, Laurentino Gomes relata que:

Nas Lojas Maçônicas foram estudadas, discutidas e aprovadas várias decisões importantes, como o manifesto que resultou no Dia do Fico, 9 de janeiro de 1822, a convocação da constituinte, os detalhes da aclamação de D. Pedro como defensor perpétuo do Brasil e, finalmente, como imperador, no dia 12 de outubro (1822, GOMES, 2010, p. 238).

Já sobre o papel da Maçonaria na independência do Brasil, o historiador Octávio Tarquínio de Sousa declarou que “imensa foi a contribuição da Maçonaria para o movimento da Independência”. Em uma obra anterior, Sousa havia explicitado sua compreensão do papel da Maçonaria:

Essa atividade encoberta, esses juramentos em segredo deixam fora de dúvida como a independência já estava decidida alguns meses antes de setembro de 1822 e como o príncipe se dera sem reservas à causa brasileira (A Vida de D. Pedro I – Vol. 2, Octávio Tarquínio Sousa, p. 17).

Muito se escreveu também quanto a histórica reunião maçônica, presidida por Gonçalves Lêdo, na qual ter-se-ia, supostamente, decidido a Independência do Brasil. A confusão deveu-se, principalmente, pelos diferentes calendários adotados pelos diversos ritos maçônicos praticados no Brasil.

Um dos pontos mais questionados na literatura maçônica brasileira sobre o tema está relacionado ao Dia do Maçom, 20 de agosto, o qual será objeto deste estudo. Essa data entrou para o calendário oficial brasileiro como o Dia do Maçom por conta de proposta apresentada em 1957 na CMSB - Confederação da Maçonaria Simbólica do Brasil (1997), que congrega as 27 Grandes Lojas Estaduais brasileiras, proposta que foi posteriormente apresentada e aprovada no Congresso Nacional e promulgada pelo Presidente da República. Na época, vários municípios e estados já possuíam lei similar, e a Maçonaria brasileira em geral já comemorava seu dia em tal data.

A razão de a Maçonaria ter escolhido o dia 20 de agosto é por conta de Ata de reunião do então Grande Oriente Brasileiro, datada do 20º dia do 6º Mês da Verdadeira Luz. Nessa reunião, presidida por Gonçalves Ledo, os maçons presentes teriam aprovado a Independência do Brasil, sobre a qual Dom Pedro seria informado e deveria aderir, tornando-se Imperador, ou voltar para Portugal.

Porém, José Castellani defendeu em suas obras “Os Maçons e a Independência do Brasil” (1993) e “Do Pó dos Arquivos” (2003) que o 20º dia do 6º mês da Verdadeira Luz não foi dia 20 de agosto de 1822, erro histórico esse atribuído ao Barão do Rio Branco. Castellani indica como data correta o dia 9 de setembro, ou seja, posterior ao Grito de Independência.

Fato é que em 1822 houve uma reunião maçônica, presidida por Gonçalves Ledo, na qual a Maçonaria posicionou-se a favor da Independência do Brasil. Qual foi o dia dessa reunião? Teria sido antes de 7 de setembro, e esse ato teria influenciado direta ou indiretamente a ação de D. Pedro, às margens do Rio Ipiranga? Ou teria sido depois de 7 de setembro, em nada influenciando o ato do Grito de Independência, em particular? A ata dessa histórica reunião apenas informa que foi no 20º dia do 6º mês do ano de 5.822.

Para desvendar esse mistério, faz-se necessário compreender os calendários maçônicos adotados na época:

Um arcebispo anglicano irlandês, James Ussher, realizou uma série de cálculos no século XVII e determinou que, conforme a Bíblia, o mundo teve origem no ano de 4.004 a.C. (BARR, 1985). Seu cálculo dava até hora e data. Quase cem anos depois, James Anderson, acreditando que a Maçonaria deveria marcar os dias de forma própria, diferente dos calendários adotados e ligados a religiões, criou o primeiro Calendário Maçônico. O Calendário de Anderson arredondava a criação do mundo para 4.000 a.C., então o ano maçônico passava a ser a soma do ano comum e 4.000 e era chamado de Anno Lucis (MENDOZA, 1980).

No caso da França, pioneira da Maçonaria latina, adotou-se o sistema de anos de Anderson, com certo “plus”. No Rito Francês ou Moderno, o primeiro dia do ano foi tido como 1º de março e os meses passaram a ser contados pelo número ordinal (DAZA, 1997). Assim, o dia 24 de junho de 1717 na Maçonaria passava a ser 24º dia do 4º mês de 5.717 da Verdadeira Luz. A Maçonaria francesa serviu de modelo quando do surgimento da Maçonaria em Portugal e no Brasil, as quais herdaram dela o nome Grande Oriente, além dos ritos, modelo de constituição e outras características. Considerando o calendário maçônico francês, o 20º dia do 6º mês de 5.822 é exatamente o dia 20 de agosto de 1822. Nesse caso, a CMSB estaria certa.

Mas na França também houve um costume de muitos Altos Corpos e até Lojas Simbólicas manterem o acréscimo de 4.000 no ano, sugerido por Anderson, mas usarem os dias e meses conforme o calendário judaico. Isso se deveu à influência da cultura judaica nos

rituais e ritos maçônicos, além da relevante presença de judeus na Maçonaria. Tal costume pode ser visto até hoje em muitas Obediências, em que o calendário judaico, inclusive com o uso dos nomes dos meses em hebraico (Nissan, Elul etc), é usado em certificados. Considerando esse calendário judaico-maçônico, o 20º dia do 6º mês de 5822 (ano maçônico) seria o dia 6 de setembro de 1822.

E há também o chamado no Brasil de Calendário Maçônico Gregoriano, defendido por Castellani como o sistema utilizado nas primeiras atas maçônicas brasileiras, que fixa o Equinócio Vernal no dia 21 de março, o qual passa a ser o 1º dia do ano. Considerando esse calendário, o 20º dia do 6º mês de 5822 seria o dia 9 de setembro de 1822.

A teoria de 9 de setembro, defendida por Castellani, em minha opinião esbarrava em algumas questões. O calendário com início em 21 de março é tido como um calendário historicamente adotado pelo Rito Adonhiramita, rito esse no qual a Loja “Comércio e Artes” teria trabalhado inicialmente e, por isso, defendido por Castellani. Porém, os registros indicam que em 1822 as três Lojas fundadoras do Grande Oriente do Brasil já trabalhavam no Rito Moderno, oficial no Grande Oriente da França e no Grande Oriente Lusitano, como o próprio Castellani também evidenciou em sua obra “Fragmentos da Pedra Bruta” (2003). Havia então certa contradição. Outro ponto interessante é que o Calendário com início em 21 de março foi abolido pelo Grande Oriente da França ainda em 12/10/1774, o que levava à conclusão de que o Grande Oriente Lusitano nunca chegou a adotá-lo. Se, em 1822, a França e Portugal não mais o utilizavam, o qual estava em desuso desde 1774, por que o Brasil o teria usado?

Considerando o formato utilizado ao datar a ata da referida reunião, minha conclusão inicial era de que se tratava do calendário maçônico usual da época nos países latinos, ou seja, a reunião teria mesmo ocorrido no dia 20 de agosto de 1822, com tempo de sobra para que a notícia tenha corrido entre os líderes populares e intelectuais da época, a ponto de provavelmente influenciar José Bonifácio e Dona Leopoldina no teor de suas cartas, que alcançaram D. Pedro no dia 7 de setembro de 1822, motivando-o a bradar o histórico Grito de Independência.

Até aí, cabia o justo questionamento sobre o tema. Porém, ao se analisar a ata de fundação do Grande Oriente Brasílico, transcrita, dentre outras publicações, na revista “Astréa”, edição de Abril de 1928 (SUPREMO..., 1928), constata-se que a teoria de Castellani está correta. A ata registra a fundação do Grande Oriente Brasílico “aos 28 dias do 3º mez do anno da Verdadeira Luz de 5.822”. Sabe-se que o Grande Oriente Brasílico foi fundado no dia

17 de Junho de 1822, próximo ao dia de São João Batista, como de costume. Um cálculo simples comprova o uso do Calendário Maçônico Gregoriano, conforme Castellani defendia.

**ESTUDO COMPLEMENTAR RECOMENDADO:**

Para revisar esse conteúdo referente ao Dia do Maçom de forma mais visual e didática, assista ao vídeo disponível em:

<https://www.youtube.com/watch?v=-OfxHnrGw9g>

Por sinal, o mesmo número da “Astréia” traz outro documento maçônico curioso para a história da Maçonaria no Brasil, que é a carta-denúncia do Grande Oriente Brasileiro, fundado em 24 de Junho de 1831 e tendo como Grão-Mestre o Senador Vergueiro, contra o Grande Oriente Brasília, “reerguido” em 23 de Novembro do mesmo ano. Entre as acusações, o Grande Oriente Brasileiro apontava como irregularidade no reerguimento do Grande Oriente Brasília o fato ter sido reerguido com José Bonifácio como Grão-Mestre, tido na época como inimigo da Maçonaria por conta de, entre outras coisas, a criação do Apostolado, e não Dom Pedro I, o último Grão-Mestre, ou seu sucessor legal. Entre as Lojas que apoiavam a denúncia, estava a “Comércio e Artes”, embrião do primeiro Grande Oriente Brasília, e a Loja “Educação e Moral”, de Gonçalves Ledo. Mas isso é história para outra ocasião.

**SAIBA MAIS:**

Para compreender o uso de diferentes tipos de calendários maçônicos no Brasil, recomendo a leitura do artigo disponível no link:

<http://www.finp.com.br/ojs/index.php/finp/article/view/18>

Fato é que, por conta da precariedade da comunicação na época, que seguia literamente “a cavalo”, enquanto os maçons cariocas defendiam a independência entre colunas, realmente já havia passado dois dias do grito de independência de D. Pedro I. Porém, deve-se levar em consideração que, apesar da referida reunião não ter tido participação direta no ato de independência em si, ela teve sua importância nos momentos seguintes, decisivos para o sucesso do Brasil como país independente. Quando da chegada ao Rio, D. Pedro sabia que estava assumindo um Brasil em que 90% da população era analfabeta, parte da elite intelectual era republicana, com rivalidade entre províncias, à beira da falência, sem exército, marinha, armas e munições. O apoio dos irmãos maçons, muitos com certa influência nas principais províncias, e num momento de tanta fragilidade política e de perigo iminente, foi, sem dúvida alguma, de suma importância para o novo Imperador.

Todavia, a participação maçônica nesse processo de independência não ficou restrita ao Rio de Janeiro. Deve-se registrar também que os maçons paulistanos foram os primeiros a aclamar publicamente o novo Imperador, ainda naquela noite de 7 de Setembro de 1822 (GOMES, 2010), fato esse muitas vezes esquecido ou ignorado pela literatura maçônica.

De qualquer forma, é importante ressaltar que a análise dos registros acerca da participação maçônica na Independência do Brasil evidencia que tal participação “não foi apenas gloriosa, mas visceralmente humanizada, com suas grandezas, ousadias, fraquezas, contradições, traições e violências” (MOREL; SOUSA, 2008). Enfim, que bom que funcionou.

Após os festejos de independência, o então Grão-Mestre do Grande Oriente do Brasil, Imperador D. Pedro I, optou por fechar a Obediência em 25 de outubro do mesmo ano, apenas quatro meses após sua fundação.

Depois de quase dez anos sem uma Obediência maçônica em funcionamento no Brasil, maçons do Rio de Janeiro optaram por fundar uma nova Obediência, o Grande Oriente Brasileiro, fundado em 24 de junho de 1831 e tendo como Grão-Mestre o Senador Vergueiro. Alguns maçons oriundos do extinto Grande Oriente do Brasil, revoltados por terem ficado de fora da fundação dessa nova Obediência, promoveram o reerguimento do Grande Oriente do Brasil, em 23 de novembro do mesmo ano, ou seja, cinco meses depois.

O Grande Oriente Brasileiro então publicou uma carta-denúncia contra o Grande Oriente do Brasil. Entre as acusações, o Grande Oriente Brasileiro apontava como irregularidade no reerguimento do Grande Oriente do Brasil o fato ter sido reerguido com José Bonifácio como Grão-Mestre, tido na época como inimigo da Maçonaria por conta de, entre outras coisas, a criação do Apostolado, e não Dom Pedro I, o último Grão-Mestre, ou seu sucessor legal. Entre as Lojas que apoiavam a denúncia, estava a “Comércio e Artes”, embrião do primeiro Grande Oriente do Brasil, e a Loja “Educação e Moral”, de Gonçalves Ledo (SUPREMO, 1928). A rivalidade entre os dois Grandes Orientes durou até 18 de Janeiro de 1883, quando da fusão dos mesmos, sob forte pressão da Maçonaria de Portugal (CARVALHO, 2010).

### **1.3. De 1833 a 1889: Da Abolição da Escravatura à Proclamação da República**

#### **1.3.1. A abolição da escravatura**

Este trecho foi elaborado tomando por base a obra “Os Maçons e a Abolição da Escravatura”, de José Castellani (1998).

Enquanto a década de 30 daquele século foi dedicada à batalha entre os dois Grandes Orientes, a década de 40 experimentou um retorno aos princípios maçônicos de liberdade e igualdade. Já em 1850, a Loja Maçônica “Piratininga”, em São Paulo, da qual José Bonifácio era membro, aprova uma proposta de não mais iniciar candidatos que possuem escravos. Alguns anos depois, em 1867, a Loja Maçônica “Perseverança”, de Paranaguá – PR, decretou que todos os seus recursos financeiros excedentes deveriam ser destinados à libertação de crianças escravas do sexo feminino, ficando essas crianças sob a proteção da Loja. Já o famoso Ruy Barbosa propôs, em 1870, à sua Loja Maçônica “América”, de São Paulo, que um quinto da receita total da Loja fosse destinado ao alforriamento de crianças escravas, tendo sua proposta sido aprovada por unanimidade. Sua proposta contava com o apoio de Luís Gama, maçom e ex-escravo, e de Joaquim Nabuco, o famoso abolicionista brasileiro, ambos membros da mesma Loja.

Com o assunto do combate à escravidão ter se tornado principal bandeira das Lojas Maçônicas da época, o Visconde do Rio Branco, então Grão-Mestre de um dos Grandes Orientes e o político mais proeminente do império brasileiro, consegue aprovar, em 1871, a Lei do Ventre Livre. Sua vitória foi comemorada por discursos proferidos em Lojas Maçônicas por todo o país.

Entre a Lei do Ventre Livre e a Abolição da Escravatura de fato, acontecimento que merece menção foi a abolição da escravatura na província do Ceará, em março de 1884, ou seja, quatro anos antes da abolição nacional. Muitos são os autores que creditam essa abolição à Maçonaria, entre eles Castellani (1998, p.120), que afirma que foi “sob a égide da Maçonaria”. Faz-se necessário esclarecermos que há Maçonaria e há outras organizações, como Sociedades, Clubes, Academias e Ordens, que, apesar de similaridades ou mesmo inspiradas pela Maçonaria, NÃO ERAM E NÃO SÃO MAÇONARIA. Esse é o caso do já mencionado Areópago de Itambé, do também já mencionado Apostolado, e da Sociedade Cearense Libertadora, esta última a verdadeira responsável pela libertação antecipada de escravos no Ceará em comparação com o restante do país.

Esse registro insistente quanto ao que é ou não Maçonaria é importante, visto que, muitas vezes, escritores se deixam levar pelo ego e pela vaidade institucional, querendo creditar à Ordem Maçônica vitórias não conquistadas institucionalmente pela mesma, muitas vezes pertencentes a instituições de outrora, que não estão mais ativas para defender seus legados. Somente porque uma organização se parecia com Maçonaria e alguns maçons eram membros, isso não a transforma em Maçonaria, assim como várias ordens existentes

atualmente, como as ordens rosacruzes, as martinistas e tantas outras, têm similaridades com a Maçonaria, há muitos maçons entre seus membros, e NÃO SÃO MAÇONARIA.

Retornando o raciocínio ao tema escravista, essas iniciativas precedentes, entre leis e a abolição cearense, impulsionaram a promulgação da Lei Áurea, que aboliu de vez a escravidão no Brasil, assinada em maio de 1888, pela princesa Isabel. As três vias da lei foram assinadas com três penas de ouro presenteadas pela Maçonaria. Uma se encontra no Museu Imperial de Petrópolis e as outras duas no museu do Grande Oriente do Brasil.

### **1.3.2. A proclamação da República e o Ministério Maçônico**

Muitos dos maçons que promoveram a abolição da escravatura dentro e fora das Lojas Maçônicas foram também alguns dos protagonistas do movimento de proclamação da República brasileira. Logo após o sucesso da Lei Áurea, maçons de muitas Lojas viram que o terreno estava preparado para a democracia. As Lojas Maçônicas “Vigilância e Fé”, de São Borja – RS, “Independência” e “Regeneração III”, ambas de Campinas – SP, tomaram a dianteira e publicaram manifestos pró-republicanismo. Apesar de terem sido censuradas pelo Grande Oriente do Brasil (MOREL; SOUZA, 2008), não demorou até que outras Lojas se juntassem ao discurso e, em uníssono, incentivassem os maçons ocupantes de altos postos públicos a defenderem essa nobre causa. Esse movimento era impulsionado, principalmente, pelas obras de Saldanha Marinho criticando a monarquia e defendendo a república.

Foi quando, na residência do maçom Benjamim Constant, uma reunião de lideranças maçônicas contou com a participação dos maçons Ruy Barbosa, Aristides Lobo e Quintino Bocaiúva, decidindo por bem a proclamação da República Federativa do Brasil e indicando como líder o maçom e marechal Deodoro da Fonseca. O Marechal Deodoro da Fonseca então proclama a República, em 15 de novembro de 1889, nomeando um Ministério composto totalmente por pessoas de sua confiança, todos maçons: Aristides Lobo (Interior); Benjamim Constant (Guerra); Campos Salles (Justiça); Demétrio Ribeiro (Agricultura); Eduardo Wandenkolk (Marinha); Quintino Bocaiúva (Transportes) e Rui Barbosa (Fazenda).

Não é à toa que o Hino da Proclamação da República termina com a frase: “Livre terra de livres irmãos!”.

O prestígio da Maçonaria na Primeira República não ficou restrito ao Ministério Maçônico. Oito dos dozes primeiros Presidentes da República eram maçons, sendo que dois foram Grão-Mestres. O mesmo ocorreu em âmbito estadual: em São Paulo, por exemplo, dos

17 governadores do período, 13 eram maçons. Também não é à toa que Morel e Souza (2008, p.181) chamam o período da Primeira República de “república maçônica”.

#### 1.4. Reflexão: Maçonaria & Política

Como se pôde observar, todas as iniciativas maçônicas brasileiras nos 32 primeiros anos do século XIX foram prejudicadas por suas investidas de ativismo político, o que gerou 14 anos de inatividade num período de 32 anos. Mesmo após quase 100 anos da primeira Constituição Maçônica ter sido publicada (ANDERSON, 1723), a qual já proibia veementemente o ativismo político por parte da Maçonaria, os pioneiros da Maçonaria brasileira insistiram por essa vocação política e a instituição pagou um preço caro por isso. E ainda há os defensores de tal ativismo atualmente. Hoje em dia há regras maçônicas internacionais muito claras quanto a proibição de ativismo político por parte da Maçonaria. Em 1938, por exemplo, a Grande Loja Unida da Inglaterra e as Grandes Lojas da Escócia e da Irlanda publicaram conjuntamente, “The Aims and Relations of the Craft”, que basicamente é a relação dos princípios fundamentais da Maçonaria, que garantem a regularidade dessas três Grandes Lojas e daquelas que as mesmas reconhecem ou venham a reconhecer. Esses princípios são compreendidos como universais pela comunidade maçônica regular internacional. Observe com atenção o item 6 de tais princípios:

Enquanto a Maçonaria inculca em cada um dos seus membros os deveres de lealdade e de cidadania, reserva-se ao indivíduo o direito de ter sua própria opinião em relação a assuntos políticos. Entretanto, nem em uma Loja, nem a qualquer momento em sua qualidade de maçom, lhe é permitido discutir ou fazer promover seus pontos de vista sobre questões teológicas ou políticas (GRIFO NOSSO).

Qual sua opinião sobre isso?

## 2. SÉCULO XX

Se o século XIX foi o século das grandes transformações positivas no Brasil, das quais a Maçonaria mais “pegou a onda” do que impulsionou, o século XX pode ser considerado como o século da opressão: foram 36 anos de ditadura, ou seja, mais de 1/3 do século com o país sendo governado por presidentes da república que não foram diretamente eleitos pelo povo. Por sorte, nenhum desses era maçom.

Além de uma democracia, quando não aprisionada, enfraquecida, o século XX no Brasil foi um século de conflitos, batalhas e guerras internas e externas. Internamente, tivemos o Bombardeio de Salvador, a Revolta da Chibata, a Guerra do Contestado, a Coluna Prestes, o Golpe Militar de Vargas e o de 1964. E externamente, o Brasil participou das 1ª e 2ª Guerras Mundiais.

Aqui ousou fazer um comentário um tanto quanto pessoal: em minha humilde opinião, de todos os governos brasileiros no século XX, só “dá pra salvar” o do saudoso Juscelino Kubitschek de Oliveira. Mas sou suspeito. Sou mineiro.

E a Maçonaria? Assim como no século anterior, no século XX ela não impulsionou o Brasil, e sim apenas “entrou na onda”. Só que enquanto a onda do século XIX foi uma onda de transformações positivas, a do século XX foi uma onda ruim... uma onda de conflitos e opressão. E a Maçonaria se afundou em conflitos internos, abaixou a cabeça e fechou os olhos para a opressão no mundo profano.

### 2.1. De 1901 a 1926: A Era de Ouro

#### 2.1.1. *Maçonaria e Ensino Laico*

Os 25 primeiros anos do século XX podem ser considerados o período de auge da Maçonaria brasileira, no que tange a ascensão social. Experimentando uma fase de relativa paz em seu seio, sem significativos atritos internos e sob um único relevante teto, o Grande Oriente do Brasil, esse período de ouro teve como palco principal o Palácio do Lavradio, então sua sede nacional.

Originalmente um teatro, o edifício, que foi adquirido pela Maçonaria em 1842, foi frequentado por maçons ilustres nesses primeiros anos do século XX, como alguns que ocuparam a Presidência da República: Prudente de Moraes, Campos Sales, Nilo Peçanha, Hermes da Fonseca, Wenceslau Brás e Washington Luís, eleito presidente em 1926.

Atualmente convertido em museu, ainda é utilizado para fins maçônicos. A porta de entrada é ladeada por duas esfinges, representativas dos mistérios que rodeiam a Maçonaria. Dentre as históricas obras de arte em seu interior, destacam-se:

- A escultura intitulada “A Caridade”, de 1842, feita pelo maçom alemão Fernando Pettrich. A caridade, ilustrada nessa escultura, é considerada a principal virtude para os maçons.
- O busto em bronze de D. Pedro I, de 1826, feito por Fontaine com base na fotografia tirada por Marc Ferrez; além de seu trono maçônico, feito em jacarandá, com símbolos maçônicos em marfim e folhas de ouro.
- A placa em mármore comemorativa à Lei do Ventre Livre, uma vitória eminentemente maçônica.

Naquela época, o edifício foi frequentado por inúmeros proeminentes políticos, empresários e intelectuais brasileiros e estrangeiros, dedicados ao estudo da filosofia maçônica e ao debate de assuntos relevantes à sociedade brasileira. A principal bandeira maçônica na época era a do laicismo republicano (SILVA, 2013), em especial o ensino laico. Tal bandeira lhe rendeu a eleição de principal inimiga da Igreja Católica à época.

O ensino laico foi levado tão a sério pela Maçonaria à época que se tornou uma bandeira obrigatória no Grande Oriente do Brasil, que, em 1913, decretou que:

O ensino primário da língua nacional é obrigatório para todos os filhos de maçons entre sete e doze anos. (...) Em todos os orientes onde não houver escolas gratuitas mantidas pelo governo no país, ou por associação leiga de qualquer natureza, as Lojas e os maçons aí residentes são obrigados a suprir essa falta e a essa missão. (...) As escolas assim criadas serão públicas.

O resultado dessa política obrigatória foi computado em 1922, quando se tinha o registro de 132 escolas maçônicas públicas e 22 bibliotecas maçônicas públicas. A maioria dessas escolas era noturna e técnica.

Junto da promoção do ensino laico e da formação de profissionais em suas escolas técnicas, surgiu no Grande Oriente do Brasil uma preocupação quanto a exploração dos trabalhadores. E a literatura que combatia tal exploração era a socialista. Por essa razão, o Grande Oriente do Brasil apresenta em seus boletins, entre 1892 até, pelo menos, 1917, uma série de manifestações a favor da implementação do socialismo no Brasil. Afirmava acreditar “no dia da vitória da causa socialista” (Boletim do GOB, No. 12, 1892), e que “devemos concluir

que a maçonaria e o socialismo têm numerosos pontos de contato” e os maçons brasileiros deveriam “cooperar com o socialismo para o triunfo definitivo de seus bons e sagrados ideais” (Boletim do GOB, No. 5, 1917).

Fato é que, até 1917, ocorreram inúmeras “conferências maçônico-socialistas” no Brasil, e o discurso socialista no âmbito do GOB só diminuiu o tom quando a revolução soviética triunfou e iniciou um movimento de perseguição à Maçonaria na Rússia e em outros países.

Observa-se que o Grande Oriente do Brasil percebia nessa época seu poder de mobilização política e desejava realizar mais pelo país. Mas até onde a comunidade maçônica internacional concordaria com essas ações políticas? E, principalmente, até quando tamanho poder não incitaria a ambição dos vários grupos internos do Grande Oriente do Brasil, levando a brigas internas e cisões?

### **2.1.2. De 1902 a 1912: O Alerta Inglês**

Para compreender essa anomalia maçônica ocorrida no Brasil, faz-se necessário recorrer à obra de Peter Swanson (1928), intitulada “A História da Maçonaria Simbólica ‘Craft’ no Brasil. Ressalta-se que tal obra foi à época sancionada pelo Grão-Mestre do Grande Oriente do Brasil. Em suas páginas, há a menção de que a Loja “Eureka”, trabalhando no Ritual de Emulação, apresentou em 1902 ao Grande Oriente do Brasil o que o autor chama de “diferenças”, pois acreditavam “que não poderiam reconciliar os seus princípios com certas disposições estabelecidas pela Constituição” (SAWNSON, 1928, p.10).

Em seguida, o autor esclarece quais seriam essas “diferenças”, esses “princípios” irreconciliáveis, ao relatar episódio ocorrido em 1909 (p. 10):

Mas a tese que causou um alarme muito sério para os Irmãos de fala inglesa foi a proposta (do GOB) de que “o momento histórico atual exige a simplificação dos rituais, através do que o princípio da mais ampla tolerância dominará no interior de todos os templos, abraçando o âmago da Maçonaria, deístas e **ateus**, sectários de quaisquer religiões e livres pensadores”. Tal era a situação naquela época e muitos Irmãos acharam que era impossível continuar sob o Grande Oriente, nas circunstâncias (GRIFO NOSSO).

Os maçons ingleses, temerosos por essas iniciativas maçônicas do Grande Oriente do Brasil, que afrontavam os princípios de regularidade da Maçonaria inglesa, enviaram várias

correspondências suplicando a atenção da Grande Loja Unida da Inglaterra para o problema que enfrentavam. O receio maior, conforme o autor, era o de serem considerados irregulares em sua própria terra natal. A reação da Grande Loja Unida da Inglaterra foi por meio de correspondência de seu então Grande Secretário, E. Letchworth, ao Grande Oriente do Brasil, em 1912. Correspondência essa que consta como anexo da obra (pp. 38-40):

Foi representado, à Grande Loja Unida da Inglaterra que assuntos britânicos que pertencem a diversas fraternidades Maçônicas no Brasil e na Argentina, encontram-se em considerável dificuldade em termos de consciência, vendo que os princípios e objetivos da Maçonaria praticada na América do Sul diferem muito daqueles observados neste país. Estes Irmãos estão, é claro, ansiosos para serem recebidos como Maçons quando retornarem à sua terra natal e existem sérios obstáculos para eles serem reconhecidos como tal, em vista de sua associação presumida com **propaganda antagônica aos seus corpos religiosos e com simpatia por movimentos políticos.**

Deve ser, naturalmente, do vosso conhecimento que os princípios vitais e fundamentais da Maçonaria inglesa, impedem os membros do Craft neste país e em todo o Império Britânico, de se engajarem, como Maçons, em controvérsias religiosas ou políticas, de maneira que eles são, naturalmente, **avessos a associação com aqueles que se acredita que usam a Maçonaria para essa finalidade.** (...)

Nestas circunstâncias, o Venerabilíssimo Grão-Mestre da Grande Loja Unida da Inglaterra decidiu enviar uma representação de eminentes Irmãos para averiguar in loco dentro das circunstâncias reais do caso e relatar à Grande Loja (GRIFOS NOSSOS).

O resultado dessa missão inglesa ao Grande Oriente do Brasil foi a criação do *Grand Council of Craft Masonry in Brazil*, um embrião do que viria a se tornar a Grande Loja Distrital, proposta inglesa inicial que havia sido devidamente rejeitada pelo então Grão-Mestre, Lauro Sodré.

Posteriormente, a Diretoria de Assuntos Gerais do gabinete do Grão-Mestre da Grande Loja Unida da Inglaterra envia um relatório da referida missão no Brasil, a ser lido na Comunicação Trimestral daquela Grande Loja, em 1913 (pp.11-21):

Por alguns anos, foram feitas representações ao Muito Venerável Grão-mestre a respeito de que os Maçons Ingleses residentes no Brasil encontravam dificuldades de reconciliar a sua associação com os Maçons daquele país, com estrita adesão aos princípios dos Maçons Ingleses, sendo estes de **reconhecimento do G. A.D.U. e a abstenção, nas Lojas, de controvérsias religiosas ou políticas.** (...)

Profundamente impressionado com a importância dessas representações e convencido de que nada, a não ser a negociação pessoal, poderia obter um acordo satisfatório, o M. V. Grão-Mestre decidiu, com o consentimento da

Diretoria, a quem essa intimação fora cortesmente comunicada, adotar a conduta incomum de mandar uma Missão ao Brasil. (...)

O Grão-Mestre considera que a Missão se desincumbiu da sua missão com habilidade e sucesso, altamente creditáveis a eles próprios e amplamente satisfatório para ele. Descobriu-se que seria **impossível obter o consentimento do Grande Oriente para o estabelecimento da jurisdição direta da Grande Loja da Inglaterra no território do Brasil**, mas um acordo foi concluído, o qual, na opinião do Grão Mestre, asseguraria, efetivamente, a independência para as Lojas no Brasil compostas de britânicos e garantiria a **regularidade dos seus trabalhos**, em conformidade com os princípios da Maçonaria inglesa. **Mais do que isso, descobriu-se ser não somente impraticável, mas impossível** e a Diretoria à qual o Venerabilíssimo Grão Mestre atenciosamente comunicou a correspondência concernente à Missão, recebe com prazer a garantia de que o acordo é aceitável e satisfatório (GRIFOS NOSSOS).

As razões que motivaram os maçons ingleses no Grande Oriente do Brasil a recorrerem à Grande Loja Unida da Inglaterra ficaram explícitas no relatório: a supressão da menção ao Grande Arquiteto do Universo e a discussão de questões políticas e religiosas. A Grande Loja Unida da Inglaterra agiu rapidamente, enviando uma comitiva ao Brasil para negociar a fundação de uma Grande Loja Distrital da Grande Loja Unida da Inglaterra em território brasileiro. A proposta foi, acertadamente, rejeitada pelo Grande Oriente do Brasil, de forma tão enfática que a comitiva relatou que “seria impossível obter o consentimento do Grande Oriente para o estabelecimento da jurisdição direta da Grande Loja da Inglaterra no território do Brasil”.

No entanto, em 1935, um tratado de reconhecimento mútuo foi assinado entre a Grande Loja Unida da Inglaterra e o Grande Oriente do Brasil, e as dez Lojas que compunham o *Grand Council of Craft Masonry in Brazil* foram desligadas do Grande Oriente do Brasil e passaram a pertencer à recém-fundada Grande Loja Distrital, recebendo registros na Grande Loja Unida da Inglaterra (GENZ, 2013). Ou seja, o que antes era impossível aconteceu, e a Grande Loja Unida da Inglaterra alcançou seu intuito inicial, fazendo valer os esforços daquela comitiva de 1912.

LEITURA COMPLEMENTAR RECOMENDADA:

Sobre o assunto histórico abordado, recomendo a leitura do artigo “A COLONIZAÇÃO MAÇÔNICA INGLESA: na contramão dos princípios maçônicos”, disponível em:

<http://cienciaemaconaria.com.br/index.php/cem/article/view/35>

## **2.2. De 1921 a 1945: Cisão e Perseguição**

### **2.2.1. De 1921 a 1929: A primeira Grande Cisão**

Neste trecho, apresentaremos um resumo do estudo desenvolvido pelo maçónólogo gobiano Joaquim da Silva Pires (2015):

O Rito Escocês Antigo e Aceito é um dos vários ritos maçônicos e o mais praticado no Brasil. Ele possui 33 graus, sendo que os três primeiros, de Aprendiz, Companheiro e Mestre, eram governados pelo Grande Oriente do Brasil e os outros trinta governados pelo Supremo Conselho do Brasil. No entanto, entre as irregularidades maçônicas praticadas pelo Grande Oriente do Brasil àquela época aos olhos da comunidade maçônica internacional, uma delas era a de que o Grão-Mestre eleito do Grande Oriente do Brasil assumia automaticamente o governo do Supremo Conselho do Brasil. Mesmo no caso que o mesmo não fosse um grau 33 ao ser eleito Grão-Mestre, recebia automaticamente os graus e o posto de Soberano Grande Comendador (Presidente) do Supremo Conselho do Brasil.

Importante registrar que esse processo de cisão apresentado neste capítulo durou quase 10 anos, podendo ter sido evitado de diversas maneiras e em diferentes momentos. A primeira luz de alerta foi acesa em 21 de abril de 1921, quando o mineiro Mário Behring, 33º grau, venceu a eleição para Grão-Mestre Adjunto do Grande Oriente do Brasil. Ciente da irregularidade mencionada, ele recusou o cargo de Lugar-Tenente Comendador (Vice-Presidente) do Supremo Conselho do Brasil, ao qual tinha, aos olhos da constituição do Grande Oriente do Brasil, direito automático (p. 100).

Após alguns poucos meses de debate, em que a cúpula de ambos os corpos pressionou Behring a não quebrar o protocolo, ele apontou o único modo que enxergara para que isso fosse possível sem que fosse irregular: solicitou que uma eleição independente fosse feita pelos Membros Efetivos do Supremo Conselho do Brasil ao cargo de Lugar-Tenente. Sua solicitação foi atendida e ele foi eleito em 1 de agosto de 1921 (p. 107).

O mesmo logo se repetiria quando o então Grão-Mestre Geral (e compulsoriamente Soberano Grande Comendador, Tomás Cavalcanti de Albuquerque, renuncia aos seus postos, em 09 de junho de 1922. Apesar de assumir interinamente o posto de Grão-Mestre Geral por ser o Adjunto, Mário Behring se recusou a assumir automaticamente o posto de Soberano Grande Comendador, sendo realizada novamente eleição, na qual foi eleito (p. 109). E, como Pires (2015) bem ressalta, em ambas as ocasiões Behring defendia seu ponto-de-vista baseado nas leis maçônicas internacionais, que estabeleciam a separação da gestão dos graus

simbólicos com os altos graus. Sua postura era compartilhada por outras lideranças, como Bernardino Campos (p. 110).

Após modificar o estatuto do Supremo Conselho do Brasil, tornando, pelo menos de parte do Supremo Conselho, a gestão dos Altos Graus independente do Grande Oriente do Brasil, Behring renuncia ao cargo de Grão-Mestre, permanecendo apenas como governante do Supremo Conselho. Seu adjunto e conseqüentemente sucessor no Grão-Mestrado, Bernardino de Almeida Senna Campos, respeita a decisão, permanecendo apenas como Grão-Mestre e convocando eleições. Entretanto, o sucessor desse, Vicente Neiva, empossado em 23 de dezembro de 1925, falece em 18 de fevereiro de 1926, assumindo então como Grão-Mestre seu Adjunto, João Severiano da Fonseca Hermes. Durante a curta gestão de Hermes, em outubro de 1926, o Grande Oriente do Brasil e o Supremo Conselho do Brasil firmam tratado reconhecendo a independência e soberania de ambos os corpos, cada um com seu grupo de graus. O desejo de Behring pela regularidade da Maçonaria brasileira é, enfim, alcançado (p. 125-126).

Porém, Fonseca Hermes, que havia assumido como Grão-Mestre pelo falecimento de Vicente Neiva, precisava preencher o posto de Adjunto, que estava vago. Foi então eleito Octávio Kelly como Adjunto. A partir daí, Kelly, inimigo declarado de Behring, inicia um movimento de pressão pela renúncia de Fonseca Hermes, que não resiste e renuncia em 06 de junho de 1927 (p. 129). Octávio Kelly, empossado como Grão-Mestre, não aceita o que entende ser uma redução de seu poder, exigindo também automaticamente o posto de Soberano Grande Comendador. Tal atitude obriga Mário Behring a romper, em 17 de junho daquele ano, as relações entre o Supremo Conselho, sob sua direção, e o Grande Oriente do Brasil (p. 136-138).

Só que um Supremo Conselho não pode sobreviver sem os membros das Lojas Maçônicas, as quais eram filiadas ao Grande Oriente do Brasil. Foi então que Mário Behring comunicou os fatos ocorridos às Lojas Maçônicas, levando a maioria delas a também romper com o Grande Oriente do Brasil e a criar Grandes Lojas Estaduais, com permissões concedidas pelo Supremo Conselho. A Maçonaria norte-americana, também organizada em Grandes Lojas Estaduais, foi a primeira a apoiar tal iniciativa, seguida por outras.

O Grande Oriente do Brasil respondeu à cisão com a criação de outro Supremo Conselho, governado pelo Grão-Mestre. Os dois Supremos Conselhos, o do Grande Oriente e o de Mário Behring, levaram a questão em 1929 à Conferência Mundial dos Supremos Conselhos, em Paris, que decidiu a favor do Supremo de Mário Behring (169-171).

E desse modo, aquela que era a única organização maçônica no Brasil estava, a partir dali, reduzida, desprestigiada internacionalmente e com forte concorrência. O Brasil não tinha mais uma Maçonaria, e sim duas “Maçonarias”. Mesmo assim, o Grande Oriente do Brasil insistiu no modelo de governar simultaneamente os Altos Graus até 1951, quando concedeu a independência aos Altos Corpos, por pressão internacional (p.173).

### **2.2.2. De 1930 a 1945: Maçonaria na Era Vargas**

O cenário maçônico brasileiro iniciou o ano de 1930 polarizado. De um lado o Grande Oriente do Brasil tentando se reestruturar do caos gerado pela cisão. Do outro, as recém-criadas Grandes Lojas Estaduais tentando se estruturarem e criar novas Grandes Lojas nos Estados que ainda não havia. A busca pela felicidade da sociedade brasileira teria que esperar. Pelo menos o Presidente da República, Washington Luís, era maçom!

No entanto, este nono Presidente da República maçom, dentre os 13 primeiros Presidentes que houve no Brasil, sofre, em 24 de outubro de 1930, um golpe militar. Assume o poder Getúlio Vargas, que acaba sinalizando favoravelmente ao discurso antimaçônico dos integralistas, comum nas ditaduras. Trata-se da crença na teoria da conspiração judaico-maçônica-socialista, promovida pela Igreja Católica, dentre outras instituições.

Ao decretar, em 1937, estado de guerra interna, Vargas determina o fechamento de todas as Lojas Maçônicas pelos DOPS, pela suspeita das Lojas terem comunistas infiltrados. Durante a Ditadura de Vargas, Octávio Kelly, que havia sido Grão-Mestre do Grande Oriente do Brasil no período da cisão, ganhou posto no Supremo Tribunal Federal, posto que ocupou de 1934 a 1942. Não realizou qualquer pronunciamento contra o fechamento das Lojas, traíndo assim a Maçonaria.

O Grande Oriente do Brasil, então governado por um General, optou por se submeter e colaborar com o novo regime em detrimento de seus próprios membros e dos ideais maçônicos. O Decreto 1.519 de 03 de março de 1938, tratou de substituir o lema “Liberdade, Igualdade e Fraternidade”, então considerado “revolucionário”, por “Ordem, Fraternidade e Sabedoria”; enquanto que o Decreto 1.579, de 02 de junho de 1938, determinou a expulsão automática, sem efeito suspensivo de recurso, de maçons que “professarem ideologias contrárias ao regime político-social brasileiro” (CASTELLANI, 2003, p. 25).

A colaboração com a Ditadura de Vargas não ficou restrita ao GOB, sendo também observada no Supremo Conselho de Behring e por algumas Grandes Lojas. O retorno oficial da Maçonaria brasileira somente veio ocorrer em novembro de 1939.

Apesar do retorno oficial, a ditadura varguista não aliviou para a Maçonaria. O local das reuniões e suas datas deveriam ser informados aos delegados da Ordem Pública, assim como os nomes completos e dados de todos os membros de cada Loja. E não era raro um Venerável Mestre ser intimado a depor se um ou outro membro de sua Loja era comunista ou simpatizante.

Cabe registrar que também foi na Era Vargas, mais precisamente em 1935, que o Grande Oriente do Brasil opta por voltar atrás na decisão tomada anteriormente pelo patriota Lauro Sodré, que garantiu a soberania nacional maçônica, abrindo as portas para a criação de uma Grande Loja Distrital da Grande Loja Unida da Inglaterra em território brasileiro e concedendo Lojas a essa Grande Loja Distrital, em troca de que a Grande Loja Unida da Inglaterra não reconhecesse suas novas concorrentes, as Grandes Lojas Estaduais que surgiram da cisão de 1927.

## RECORTES DA ÉPOCA

nismo".

**FECHADAS AS LOJAS MAÇONICAS DA PARAHYBA**

JOÃO PESSOA, 26 (A. N.) — Em obediência às ordens emanadas da comissão central executora do estado de guerra, o delegado do distrito, encarregado da Ordem Social, fechou hontem as portas das seguintes lojas maçônicas, que funcionavam nesta cidade: "Branca Dias", "7 de Setembro", "Regeneração do Norte", "Padre Azevedo", "João da Matta" e "João Pessoa".

A medida foi executada pessoalmente pelo sr. Alves de Mello, delegado da Ordem Social.

**Fechadas 40 lojas maçônicas em São Paulo**

S. PAULO, 30 (União) — No cumprimento de determinações da comissão que superintende a execução do estado de guerra em todo o territorio nacional, transmittidas por intermedio do general Parga Rodrigues, a Delegacia de Ordem Política fechou, nesta capital, 40 lojas maçônicas.

O JORNAL — Domingo, 24 de Outubro de 1937

# Fechamento das lojas maçônicas

## Determinada pela Comissão Federal, a medida já foi executada nos Estados de Pernambuco, Ceará e Bahia

### CONSIDERAÇÕES A RESPEITO, DO CORONEL AZAMBUJA VILLANOVA

Numa das ultimas reuniões da comissão que superintende a execução das medidas decorrentes do estado de guerra, o general Newton Cavalcanti lembrou como a propaganda comunista se tem desenvolvido, no mundo inteiro, das organizações secretas, sendo o mais recente exemplo da eficiência desse método a cruel guerra que estourou na Espanha. Dispondo-se a dar um combato sem tréguas a todos os meios de propaganda comunista, propoz o general Newton Cavalcanti e a comissão resolver mandar fechar todas as sociedades de caracter secreto, inclusive as lojas maçônicas, pois ha provas de perigosa infiltração de comunistas na maçonaria. Até que, em hipotético regular, seja aprovada a extensão da infiltração alludida e annullados os seus responsaveis, ficarão essas organizações fechadas. Os excusos do estado de guerra já estão cumpridos as recommendações da comissão.

Cavalcanti do Oriente, Cavalheiros Templários, Firmeza e Humanidade, Grande Loja Symbolica de Pernambuco.

Os archivos dessas lojas foram apprehendidos e foram transmitidas ordens aos delegados no interior do Estado, afim de ser effectuada a resolução daquella commissão.

**OUVINDO O COMANDANTE DA REGIÃO**

A esse respeito, o coronel Azambuja Villanova, commandante da Região, fez as seguintes declarações á reportagem:

— "A Maçonaria é como o comunismo, uma arma do sionismo. Estou convencido de que a quasi totalidade, sem a totalidade mesmo dos maçons brasileiros, ignora que, sob a capa de igualdade, fraternidade e humanidade, a maçonaria vive exclusivamente a trabalhar pelo supremo interesse do judaísmo: o dominio do mundo."

Devo declarar que meu sobrinho, Antonio de Azambuja Villanova, era maçon grão 28, e pediu insistentemente a seus filhos que

que existisse no dominio do mundo. E se pudessem existir dvidas a respeito, ellas seriam destruidas por essas duas lojas que os judeus não têm feio para destruir: "Os protocolos dos sabios de Silão" e o seu magnifico e documentado complemento: "As forças secretas da revolução".

Os judeus compram e vendem as maçônicas adôles do primeiro e leram não de todos os meios para fazer desaparecer como tudo o resto das suas ultimas edições. O trabalho foi publicado pela Livraria do Globo de Porto Alegre, em tradução e... sumo-se em livro, considerando que a do Globo não quer mais edito... Será verdade?

**A BUA FE DE MUITOS MAGONS**

Grande numero de maçons e de lojas se ignorando que a maçonaria é antes de tudo uma arma do sionismo e que seus supremos interesses serão metidos de judeus pagãos, sempre a espera do dominio do mundo e todo fazendo para conseguir.

É esta sabida que o primeiro governo bolchevista russa compozi-se de 31 membros dos quais 29 eram judeus.

car-se o voto de philanthropia e cooperativismo que até hoje a envolver perante tantos ingenuos... E por isso que o governador de um dos Estados do nordeste nota, sem alhar com os motivos, a repetida revariação e a demorada actividade dos maçons no seu Estado. E o seu objectivo está bem claro no jornal que fundou.

Além disto a Maçonaria do Recife expediu um boletim a todas as Lojas do Brasil. Esse boletim certamente muita gente lerá e para elle chamamos a especial attenção dos leitores.

Indistram-se os maçons aterrorizados com as "ameaças" que surgem contra a "liberdade" pelo surto dos extremismos e desanca o fascismo, o nazismo e o integralismo, chamando a panto todo o mundo para combater e certamente, por um esquecimento digno dos grandes boecos, nem sequer fala no comunismo... Temha consciencia de haver prestado um grande serviço ao Brasil e aos proprios maçons brasileiros de hoje em haver concorrido com todas as minhas forças para o fechamento dessas lojas, cuja existencia nada justifica e que são verdadeiras reser-

# Não se interromper as sessões da Câmara

## Apresentado, com 111 assignaturas, requerimento que a convoque para 4 novembro

Em meio aos trabalhos de hontem na Câmara, o sr. Lima Machado pôde a palavra e disse que remetteu á mesa uma deliberação, devidamente firmada por mais de um terço da Câmara, convocando para o dia 4 de novembro de 1937, a fim de funcionar emquanto durasse o estado de guerra para a elaboração das leis complementares da Constituição.

Assignam o imparcialmente documentado, indiscutivelmente, elementar, da maioria e da minoria. A iniciativa da convocação é, portanto, da Câmara em geral, representada por todas as suas correntes politicas.

A deliberação, que independe do voto do plebeu e que, uma vez publicada, terá effecto de lei de resolução legislativa, está assim redigida:

"Os deputados abaixo assignados, considerando que é nos termos do artigo 25, pho unico, compete "reserva de afilhamento ou a criação do senado legislativo" e de "iniciativa de um convencão extraordinária pendente daquella anterior uniformemente decidida a todas as questões de ordem dos artigos 25 e 26 de um seu expressos", a que o artigo 27, que interdita do voto maioritaria".

Os deputados abaixo

das responsabilidades de des depuladas aggrupadas, me resolvida de todos responder á difficuldade presente com a maioria o patriotismo — still regalia contida no artigo considerando que esse livro do Magna Carta, em liberal emenda da bandeira confero ao terço da Constituição para convocação, pção expressa do plebeu maioritario applli demas resoluções legislativo 27: "As deliberação ser nos casos expressos Constituição, após tomada maioria de votos..."; considerando que é nos termos do artigo 25, pho unico, compete "reserva de afilhamento ou a criação do senado legislativo" e de "iniciativa de um convencão extraordinária pendente daquella anterior uniformemente decidida a todas as questões de ordem dos artigos 25 e 26 de um seu expressos", a que o artigo 27, que interdita do voto maioritaria".

Os deputados abaixo

# ECONOMIA

(SPECIAL)

da Caixa Economica

de Janeiro

da DA ECONOMIA, mundial- Economias, das premios, POSTOS POPULARES em, multitudes em sua Matriz, a 30 de setembro.

de depositos, um para as Matriz e Agencias e outro de Pernambuco e Rio de Janeiro, que entreve vigilância exercida, não ultrapassando

do estatuto com o de uma de interesses das entidades e premio será depositado em (determinado superior.

**FECHADAS AS LOJAS MAÇONICAS DE BELLO HORIZONTE**

**BELLO HORIZONTE, 28 (H.)**

— Dando cumprimento ás deliberações da commissão de superintendencia do estado de guerra, a delegacia de Ordem Política e Social effectuou diligencias, fechando as lojas maçônicas existentes nesta capital e apprehendendo todo o material nellas existentes.

**REUNIAO DOS PRESIDENTES DE**

# FECHADAS AS LOJAS MAÇONICAS DE FOR

Conforme determinações urgentes do Ministro da Justiça, sr. Macêdo Soares, recebidas pelo sr. governador do Estado, a Delegacia de Ordem Política e Social, neste estado, procedeu o fechamento de todas as lojas maçônicas desta cidade.

Em face do «estado de guerra», e partindo desta medida da Comissão Executiva do mesmo, presume-se que o fechamento das lojas maçônicas prende-se ao plano de repressão ao comunismo, de vez que, é sabido que os elementos comunistas ou de esquerda, premiados pela ação da policia e dissolvidos os seus quadros proprios, passaram a agir dentro das lojas maçônicas, acobertados pela paradoxal legalidade das mesmas.

A imprensa do Rio, principalmente o jornal o «O Povo», vinha ha alguns dias desenvolvendo forte campanha contra a maçonaria, mostrando aos poderes publicos que era impossivel combater eficientemente o comunismo sem fechar a maçonaria. E' que,

FORTALEZA Ceará—Brasil

Sabado 23 Outubro, 1937

8 Páginas

Ano II

Diário Matutino

N. 413

200 Reits

**a Razão**

O Jornal que será sempre o defensor das causas justas e populares

Director—LAURO MACIEL SEVERIANO

## Fechamento Da Maçonaria

**A Integra Da Nota Fornecida á Imprensa Pela Comissão Executôra Do Estado de Guerra**

Rio, 25 (A RAZÃO) — Quando do fechamento das lojas maçônicas, foi fornecida à imprensa, pela comissão executôra do estado de guerra, a seguinte nota:

«Numa das ultimas reuniões da Comissão que superintende a execução das medidas decorrentes do estado de guerra, o sr. general Newton Cavalcanti lembrou como a propaganda comunista tem-se aproveitado, no mundo inteiro, das organizações secretas, sendo o mais recente exemplo da eficiencia desse methodo a cruel guerra que ensanguenta a Hespanha. Dispondo-se a dar um combate sem treguas a todos os meios de propaganda comunista, pro-

poz o sr. general Newton Cavalcanti e a Comissão resolveu mandar fechar todas as sociedades de caráter secreto, inclusive as lojas maçônicas, pois ha provas de perigosa infiltração de comunistas na maçonaria. Até que, em inquerito regular, seja apurada a extensão da infiltração aludida e anulados os seus res-

ponsaveis, ficarão essas organizações fechadas. Os senhores executores do estado de guerra já estão cumprindo as recomendações da Comissão».

### Preso, Na Baía, O Comunista Lauro Lago

**O Perigoso Agitador Vivia, Em Companhia De Uma Mulher, Na ilha Itaparica**

S. Salvador, 26 (A. N.) — Foi detido nesta capital, o comunista Lauro Lago, leader vermelho em Natal, onde tomou parte saliente na intenciona bolchevista de Novembro de 1935.

Esse perigoso agente vermelho havia sido posto em liberdade em Junho ultimo, homisiando-se ultimamente na ilha Itaparica, onde vivia misteriosamente em companhia de uma mulher, numa casa sem moveis, evitando quaisquer relações sociais.

Presos pela policia am-

bos seguirão brevemente para a capital da Republica, permanecendo por incomunicaveis na Delegacia Auxiliar desta capital.

### A Propaganda Da “Química Bayer Ltd”

**O Carro Sonoro “Bayer” Percorre O Brasil Ha 4 Anos**

Esteve em nossa redação o sr. Carlos Alexander Von Zglini zki que dirige a inteligente propaganda da “Química Bayer Ltd”.

Acompanhado do nosso distinto amigo Napoleão Bastos, funcionario da «Bayer», o nosso ilustre visitante manteve agradável palestra com os nossos redatores, realizando até mesmo uma demonstração pratica da eficiencia do seu curioso carro sonoro.

O carro sonoro “Bayer” agora em Fortaleza, percorre o Brasil desde 1933. Durante o ano de 1934 passou pelos Estados de S. Paulo e Minas Gerais. No ano de 1935 esse carro ainda rodou o territorio mineiro, attingindo Peçanha, localidade que dista cerca de 400 quilometros de Belo Horizonte.

Antes de fazer o Estado do Rio e Espirito Santo, em 1936, trabalhou esse carro pela segunda vez na Metropole do pais e em S. Paulo.

(Continúa na ultima pagina)

### Preso Raquel de Queiroz

Foi presa, ontem, ás 2 horas da tarde, pelo inspetor Carlos Simões, a senhora Raquel de Queiroz, acusada de exercer atividades comunistas, nesta capital.

Raquel de Queiroz se acha recolhida no Quartel do Corpo de Bombeiros.

### Milionario Da Noite Para O Dia!

Ilhéus, 26 (A. N.) — Mister Fred Wood, ferroviario aqui residente, foi contemplado com a sorte grande de 2.500 contos da Loteria Irlandeza, no «sweepstake» ultimamente realizado.

## Reaberta a maçonaria em São Paulo

**VINTE LOJAS NA CAPITAL E 56 NO INTERIOR**

S. PAULO, 9 (Da Sucursal de A NOITE) — De acordo com entendimentos entre o Sr. Marrey Junior, Grão Mestre, neste Estado, das lojas maçônicas, o general Mauricio Cardoso, comandante da 2ª R. M., e Cardoso Fontes, chefe de Policia, reabriram os núcleos da maçonaria em São Paulo, que havia sido fechada, em todo o pais, a 25 de outubro de 1937, atendendo a uma ordem baixada pelo Conselho de Segurança Nacional.

Em varios Estados as lojas maçônicas já foram, de ha muito, reabertas, restando apenas cinco, entre eles São Paulo, que agora acaba de reabrir os seus 76 núcleos, sendo que 20 funcionam nesta capital.

### 2.3. A Maçonaria e a Segunda Metade do Século XX

#### 2.3.1. 1964: O Golpe Militar

No princípio da década de 60 o mundo vivia o medo constante da Guerra Fria, polarizada pelo comunismo x capitalismo. O Grande Oriente do Brasil, o mesmo que, por muitos anos durante o início do século XX, defendia em seus boletins oficiais o socialismo, passa a condenar, em 1963, o movimento grevista sindical.

O Brasil então começa a sofrer com a pressão da classe média e dominante contra o proletariado, simbolizado, principalmente, pela “Marcha da Família com Deus pela Liberdade”,

ocorrida no início de 1964 e promovida por senhoras católicas de classe média e alta, que pediam pela deposição do presidente da República.

As preces das carolas foram escutadas pelos militares, que mobilizaram, em 31 de março de 1964, tropas rumo ao Rio de Janeiro, iniciando assim a ditadura militar. Três dias depois, o GOB já se manifestava oficialmente a favor do golpe (ou seria revolução?), que “neutralizou os perigos do comunismo e do caos”. Essa foi a primeira de muitas outras manifestações formais e públicas em favor do governo militar, realizadas nos anos seguintes.

Sem realizarmos qualquer juízo de valor, é curioso observar que a obediência que censurara as Lojas paulistas que apregoavam a proclamação da República no final do século XIX, por estarem se manifestando politicamente, o que era contra os princípios maçônicos; é a mesma que se manifestou por anos a favor do socialismo e em defesa dos direitos dos trabalhadores no início do século XX, mesmo isso indo contra os tais princípios maçônicos; e passa então a se manifestar a favor da ditadura e contra o comunismo, na segunda metade do século XX. Qual razão para isso? Não podemos ignorar o fato, explicitado em capítulo anterior, da Ditadura Vargas ter fechado as Lojas Maçônicas. Diante de uma nova ditadura militar, pode-se supor que fora uma estratégia de sobrevivência, como muitos pesquisadores defendem. O que se tem registrado é que esse discurso pró-ditadura militar foi acompanhado de condecorações maçônicas concedidas a militares e civis postos no poder por vias não democráticas.

Dois manifestos públicos foram divulgados pelo Grande Oriente do Brasil durante a Ditadura Militar. O primeiro apontava as razões da incompatibilidade entre o comunismo e a Maçonaria. No segundo manifesto, no período mais duro da Ditadura, o de Médici (1969-1974), o Grande Oriente do Brasil ataca diretamente os críticos às Forças Armadas, ao dizer que eles estavam “ignorando deliberadamente o seu relevante papel histórico na unificação e integração nacional ou apontando-a como opressora do povo, quando, ao contrário, o seu papel em 31 de março de 1964 foi, justamente, o de libertadora da nação”. Esse manifesto foi publicado justamente no cume de prisões, torturas, exílios, desaparecimentos e mortes do regime militar.

### **2.3.2. 1973: A Segunda Grande Cisão**

Pouco há que se comentar sobre a atuação maçônica brasileira no cenário político e social brasileiro no período entre 1946 e 2000. Tinha-se uma instituição fragmentada (vide a

primeira grande cisão em capítulo anterior), desprestigiada politicamente (como relatado no trecho sobre a Era Vargas), e, principalmente, com diversas disputas internas. Talvez o que mereça pequena menção (e por isso a faço agora) seja a eleição daquele que foi o último Presidente da República eleito no Brasil, o controverso Jânio Quadros, membro da Grande Loja Maçônica do Estado de São Paulo - GLESP, que permaneceu no poder por pouco mais de seis meses, quando então renunciou por conta de “forças ocultas”.

Mas uma dessas disputas internas no seio maçônico gerou a segunda grande cisão no Grande Oriente do Brasil, em 1973, a qual merece nossa atenção.

Para tanto, recorramos à obra de Octacílio Sobrinho, “Uma Luz na História: o sentido e a formação da COMAB” (1998).

Em resumo, em 1973 ocorreram eleições para o Grão-Mestrado do Grande Oriente do Brasil. O candidato de oposição, Athos Vieira de Andrade, obteve 7.166 votos, enquanto seu adversário, da situação, Osmane Vieira de Resende, obteve 3.824 votos. Esmagadora vitória da oposição. Entretanto, a comissão apuradora optou por anular aproximadamente 70% dos votos, sendo o equivalente a algo em torno de 85% dos votos de Athos Vieira e apenas 45% dos votos de Osmane de Resende, este, no fim, declarado eleito.

Athos Vieira de Andrade, de Minas Gerais, contava com o apoio maciço dos estados de São Paulo, Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Paraná, Goiás, Rio de Janeiro, Pernambuco e do Distrito Federal, que juntos concentravam a maioria dos maçons e Lojas do Brasil. Para reverter o resultado eleitoral, a Alta Administração da época, apoiando Osmane Vieira de Resende, tratou de realizar suspensões, expulsões, julgamentos sem amplo direito de defesa, destituição de diretorias inteiras e fechamento de inúmeras Lojas formadas por apoiadores da chapa de Athos Vieira de Andrade. E ao outro lado, das Lojas que apoiavam a candidatura de Osmane Vieira de Resende, promoveram perdão de dívidas, isenção de taxas, quebra de interstícios e outras benesses. Tudo isso muito bem documentado e constando como anexos na referida obra que serve de fonte para este trecho.

Tais acontecimentos culminaram em uma reunião, realizada em 27 de maio de 1973, num hotel no Rio de Janeiro, na qual dez Grão-Mestres de Grandes Orientes Estaduais, que apoiavam Athos Vieira de Andrade, optaram pela “desfederalização”, ou seja, por desligarem seus Grandes Orientes Estaduais do Grande Oriente do Brasil, fundando então uma Confederação, inicialmente chamada de Colégio de Grão-Mestres da Maçonaria Brasileira, e atualmente nomeada como Confederação da Maçonaria Brasileira - COMAB.

## 2.4. Maçonaria Brasileira no fim do Século XX

Aqui uma pequena reflexão de Morel e Souza (2008, p. 237) sobre a Maçonaria brasileira no final do século XX:

Finda a ditadura, em 1984, a maçonaria brasileira precisaria, novamente, repensar seus valores, reaver seus princípios originais. Toda auto-análise, porém, não conseguiria fazer com que a ordem retomasse uma trajetória que, há quase um século, havia sido abandonada. Já era fato consumado que, de liberal e crítica no século XIX, passando pelo servilismo ao estado varguista nos anos 1930 e 1940, a maçonaria brasileira chegara ao fim do século XX como baluarte do conservadorismo (GRIFO NOSSO).

A reflexão dos autores Morel e Souza condiz com o estranhamento que alguns críticos apresentam ao se depararem com os postulados maçônicos que afirmam se tratar de uma instituição “progressista”, enquanto assistem Lojas, e até mesmo Obediências Maçônicas, realizando menções honrosas ao período da Ditadura Militar.

Enfim, o final do século XX assistiu a um Brasil reexperimentando a democracia direta e a uma Maçonaria brasileira dividida basicamente em três vertentes (isso sem contar as cisões menores vivenciadas por essas), sem qualquer expressão política em nível nacional, sem a maioria das escolas e bibliotecas públicas que havia criado no final do século XIX e no início do XX, sem relevantes projetos sociais permanentes, sofrendo mais de um século de ataques da Igreja Católica e de outras denominações religiosas que adotaram posteriormente o mesmo discurso preconceituoso. Uma Maçonaria vivendo do passado, de sua glória no período entre 1822 e 1930, sem qualquer ação relevante nas décadas seguintes (apenas algumas um tanto quanto constrangedoras).

Durante a década de 90, num país governado principalmente pelos perseguidos e aqueles estudantes que sofreram a ditadura militar, a Maçonaria brasileira se viu condenada por boa parcela da sociedade brasileira economicamente ativa, não sendo mais atrativa aos novos intelectuais, lideranças e formadores de opinião como havia sido anteriormente.

Deve-se levar em consideração que a Maçonaria, anteriormente às democracias contemporâneas, já praticava uma forma de governança democrática, na qual o voto já era bem do indivíduo e não por propriedade ou localidade (JACOB, 1991), o que reforça a teoria da Maçonaria como uma instituição emancipadora do indivíduo e uma das precursoras do ideal democrático. Um dos vários exemplos que relacionam Maçonaria e democracia é a indiscutível

participação da Fraternidade na independência dos Estados Unidos (BULLOCK, 1996), tida como a primeira e a maior nação democrática do mundo.

Torna-se, assim, plausível a proposição de que a Maçonaria, munida do mais profundo princípio de igualdade entre os homens, realmente colaborou, por intermédio da liderança libertadora de seus membros, para a implementação dos primeiros regimes democráticos. E no Brasil não foi diferente, tendo a mesma colaborado para a proclamação da república. No entanto, a postura foi outra durante as duas ditaduras vividas pelo país no século XX, um século em que a Maçonaria brasileira praticamente não pôde viver seus princípios (que significaria lutar pela democracia), apenas garantiu sua sobrevivência, ensinando lições que mal praticava enquanto instituição.

## **2.5. Reflexão: Cisões**

O século XX da Maçonaria brasileira foi marcado por duas grandes cisões no seio do Grande Oriente do Brasil. Em ambos os casos, houve questionamentos quanto a transparência e lisura do processo eleitoral, com sérias suspeitas de fraude eleitoral. Algo similar se repetiu na última eleição do GOB, em 2013. Quais medidas você acredita que poderiam reduzir ou, quem sabe, até mesmo anular esse tipo de questionamento?

### 3. SÉCULO XXI

O século XXI, nesses seus primeiros anos, tem consolidado o fenômeno da globalização, o qual é alicerçado por bandeiras democráticas, não somente da gestão (pública e privada), mas principalmente na democratização de conhecimento e informação. Os meios e ferramentas de comunicação proliferaram-se de forma a proporcionar fontes instantâneas de todo tipo e qualidade de dados. Enquanto isso, os usuários vão surfando suas curvas de aprendizagem, de forma a aprender (ou não) a filtrar esses dados, para que possam se tornar informações e estas transformadas em conhecimento.

A violência da raça humana, apesar de aparentemente menos tolerada pelos povos, ainda persiste. As guerras mundiais, publicamente declaradas, com bandeiras claras, lideradas por personalidades com nome e sobrenome, tendo início, meio e fim, tem sido substituídas por um terrorismo mundial, físico e virtual, promovido por grupos e lideranças orgânicas, ocultas, e de forma permanente.

E num mundo semitransparente e semivirtual, em que se prega o máximo acesso à informação, em todas as esferas públicas e privadas, e em que se pode pedir comida e fazer compras pela internet, trabalhar de casa e até mesmo namorar virtualmente, com tantas ferramentas de videoconferência à disposição, questiona-se o futuro do formato de reuniões periódicas presenciais, como no caso da Maçonaria, e a sobrevivência de qualquer modelo baseado em sigilo.

Enquanto a Maçonaria nos países desenvolvidos tem procurado acompanhar e se adaptar a esses novos tempos, utilizando redes sociais e tecnologias a seu favor, e incluindo o debate a temas já vencidos socialmente, como inclusão de deficientes físicos, inclusão social, questões relativas a orientação sexual, etc., a Maçonaria brasileira ainda está, com raras exceções, dedicada ao seu próprio umbigo, sujeita à teimosia de alguns poucos líderes que insistem em tirar a casquinha das feridas das cisões, proibindo intervisitação, expulsando membros e publicando atos ofensivos, mesmo quando o recado e o exemplo das Obediências do exterior dizem o contrário.

Felizmente, o fenômeno da globalização tem alcançado os maçons brasileiros, o que tem gerado um despertar maçônico de baixo para cima, alicerçado, principalmente, pelo lema original maçônico de **Amor Fraternal, Amparo e Verdade**.

#### 3.1. Visão geral: Amor Fraternal, Amparo e Verdade

Um lema é um argumento, tema, regra, divisa ou norma de procedimento.<sup>1</sup> Trata-se de uma declaração concisa que expressa princípios, metas ou ideais. É uma ideia expressa em poucas palavras, que guia e motiva, como uma missão. Uma missão são o propósito e os valores básicos da organização, constituindo a declaração da razão da existência da organização.<sup>2</sup> Ela dá aos membros da organização um senso compartilhado de propósito e direção.<sup>3</sup> Uma organização com uma compreensão clara de sua própria identidade e propósitos tem muito mais chances de sucesso do que outra que não tem uma compreensão nítida de sua razão de existir.<sup>4</sup>

No caso da Maçonaria Latina, adotou-se o lema “Liberdade, Igualdade e Fraternidade”, lema esse que surgiu na Revolução Francesa, e logo foi adotado pela Maçonaria daquele país.<sup>5</sup> A Maçonaria Brasileira, tão inicialmente influenciada pela francesa<sup>6</sup>, tratou de incorporá-lo. Tomando por exemplo, tem-se a Constituição do Grande Oriente do Brasil, onde se lê no 1º artigo: “A Maçonaria é uma instituição essencialmente iniciática, filosófica, filantrópica, progressista e evolucionista, cujos fins supremos são: Liberdade, Igualdade e Fraternidade”.<sup>7</sup>

Já no restante da Maçonaria no mundo, adota-se o lema maçônico original, tantas vezes reafirmado nas célebres obras de Preston,<sup>8</sup> Webb<sup>9</sup> e Pike,<sup>10</sup> de “*Brotherly Love, Relief and Truth*”, o qual pode ser traduzido como “Amor Fraternal, Amparo e Verdade”. Lema esse praticamente desconhecido pela Maçonaria dos países latinos e latino-americanos. Para uma melhor compreensão desses princípios, recorreremos à *Coil’s Masonic Encyclopedia*,<sup>11</sup> comumente citada em artigos acadêmicos que têm a Maçonaria como campo (Ex.: REYES, 1997; RICH; REYES, 1997; HARLAND-JACOBS, 1999; KARPIEL JR., 2000; GUNN, 2008; HEREDIA, 2012).

<sup>1</sup> Dicionários Priberam e Michaelis.

<sup>2</sup> ATEMAN, T. S.; SNELL, S. A. *Administração: construindo vantagem competitiva*. São Paulo: Atlas, 1998.

<sup>3</sup> KOTLER, Philip. *Administração de Marketing*, 10ª Ed., 7ª reimpressão. São Paulo: Prentice Hall, 2000.

<sup>4</sup> WRIGHT, P. L.; KROLL, M. J.; PARNELL, J. *Administração Estratégica: conceitos*. São Paulo: Atlas, 2000.

<sup>5</sup> VOVELLE, Michel. A Revolução Francesa e seu eco. *7º Congresso Internacional das Luzes*. Budapeste, 1987.

<sup>6</sup> Pelo menos até 1877, quando a Grande Loja Unida da Inglaterra - GLUI declarou a irregularidade do Grande Oriente da França, o que levou o Grande Oriente do Brasil a se distanciar do Grande Oriente da França e passar a seguir os passos da GLUI.

<sup>7</sup> GOB. *Constituição do Grande Oriente do Brasil*. Brasília, DF: GOB, 2007.

<sup>8</sup> PRESTON, William. *Illustrations of Masonry*. New York: Masonic Publishing and Manufact., 1867.

<sup>9</sup> WEBB, Thomas Smith. *The Freemasons Monitor or Illustrations of Masonry*. Salem, MA: Cushing and Appleton, 1818.

<sup>10</sup> PIKE, Albert. *Morals and Dogma of the Ancient and Accepted Scottish Rite of Freemasonry*. Charleston: Supreme Council of the 33º Degree for the Southern Jurisdiction - United States, 1905.

<sup>11</sup> COIL, H. W.; BROWN, W. M., *Coil’s Masonic Encyclopedia*. New York: Ed. Macoy, 1961.

Essa enciclopédia registra o seguinte comentário acerca do princípio do **Amor Fraternal** (p.107): “Neste princípio a Maçonaria une os homens de todos os países, seitas e opiniões e faz com que a verdadeira amizade exista entre aqueles que poderiam ter permanecido a uma distância perpétua”.

Sobre o princípio de **Amparo**, ela disserta que (p.510): “O princípio básico de socorro maçônico e sua extensão em diversas áreas estão definidos em títulos, como auxílio e assistência, casas maçônicas; colégios maçônicos; fundos e fundações educacionais; associação maçônica de serviço, associação maçônica de alívio”.

E quanto ao princípio de **Verdade**, consta na enciclopédia que (p. 662): “É geralmente aceito que a busca da verdade é o objetivo final de toda a Maçonaria, tanto nos Graus Simbólicos como nos Altos Graus”.

Sabe-se que um componente importante na missão é a vocação.<sup>12</sup> Por vocação compreendem-se as áreas em que a instituição tem facilidade em atuar, sendo uma declaração de sua competência naquilo. Sendo o lema da Maçonaria Latina “Liberdade, Igualdade e Fraternidade”, pode-se compreender que a vocação da Maçonaria Latina seja promover esses princípios, ou seja, que a vocação da Maçonaria Latina seja emancipacionista, igualitária e fraternal. Essa teoria conta com o reforço do histórico da Maçonaria nas independências dos países latino-americanos e por lutas pela igualdade entre os homens, como na abolição da escravatura no Brasil. Porém, essas lutas foram travadas e vencidas no passado, entre o final do século XVIII e o final do século XIX. No Brasil, por exemplo, os princípios de liberdade e igualdade, vocação da Maçonaria Latina, estão garantidos na Constituição Federal, como se pode ver no 5º Artigo da Carta Magna: “Todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, garantindo-se aos brasileiros e aos estrangeiros residentes no País a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e à propriedade”.<sup>13</sup> Logicamente, a liberdade e a igualdade conquistadas podem, vez ou outra, sofrer alguns golpes. Porém, contra esses raspsões o restante da sociedade civil organizada parece estar atualmente em maior número e melhor preparada para lutar do que as instituições maçônicas. Assim sendo, seguindo seu lema, restou à Maçonaria Latina apenas a promoção da fraternidade, missão não muito difícil para uma organização na qual os membros chamam uns aos outros de “irmãos”. E assim a Maçonaria Latina vai seguindo, de uma forma geral, sem projetos, objetivos e lutas a não ser a sua própria sobrevivência.

<sup>12</sup>MAXIMIANO, Antônio Cesar Amaru. *Teoria Geral da Administração: Da Revolução Urbana à Revolução Digital*, 6ª Edição, 4ª reimpressão. São Paulo: Atlas, 2008.

<sup>13</sup>BRASIL. *Constituição da República Federativa do Brasil*. Brasília,DF: Senado, 1988.

Em contrapartida, compreendendo o lema original da Maçonaria, seguido pelos demais povos, como “Amor Fraternal, Amparo e Verdade”, é possível considerar como sua vocação a promoção desses três princípios. Sendo assim, tem-se nessa Maçonaria uma propensão não apenas fraternal, mas principalmente filantrópica e pesquisadora.

Considerando que um lema realmente oferece uma orientação para a organização,<sup>14</sup> é razoável propor queo **lema adotado pela Maçonaria interfere diretamente em suas ações**.

Para testar essa proposição, uma pesquisa foi realizada, cujos resultados foram publicados em 2013 na revista acadêmico-científica “Ciência & Maçonaria”, a primeira revista do gênero no Brasil e a única multidisciplinar sobre Maçonaria em todo o mundo, vinculada ao NP3-CEAM-UnB.<sup>15</sup> Um resumo é publicado a seguir.

### **3.1.1. Sobre o estudo e seus métodos**

Com o intuito de escolher uma forma adequada para, por métodos aceitáveis, avaliar tal proposição, optou-se pelo método comparativo, largamente adotado nas ciências sociais e cujas bases foram desenvolvidas por autores como John Stuart Mill,<sup>16</sup> Émile Durkheim<sup>17</sup> e Max Weber<sup>18</sup>. A comparação foi realizada entre as Grandes Lojas norte-americanas, representativas do lema maçônico original, de “Amor Fraternal, Amparo e Verdade”; e as Grandes Lojas brasileiras, o Grande Oriente do Brasil e os Grandes Orientes Estaduais filiados à COMAB, representativos do lema maçônico latino, “Liberdade, Igualdade e Fraternidade”. Além da quantidade de organizações serem aproximadas, 51 no primeiro grupo e 49 no segundo, os EUA é a maior nação maçônica do mundo e o Brasil a segunda maior (sim, somos maiores que a Inglaterra). Com esse formato, a conhecida limitação do método comparativo de ser realizado com reduzido número de casos<sup>19</sup> é solucionada, visto se tratar de um montante de 100 organizações maçônicas.

A pesquisa foi realizada por meio de dois estudos distintos, os quais utilizaram como método de coleta de dados a pesquisa telematizada em fontes diretas, ou seja, por meio de

<sup>14</sup> WRIGHT, P. L.; KROLL, M. J.; PARNELL, J. *Administração Estratégica: conceitos*. São Paulo: Atlas, 2000.

<sup>15</sup> ISMAIL, Kenyo. Porque a Maçonaria brasileira está perdida: uma análise comparativa da influência dos diferentes lemas sobre as atividades maçônicas. *Revista Ciência & Maçonaria*, Vol. 1, N. 1, 2013, p. 29-50.

<sup>16</sup> MILL, John Stuart. *Sistema de lógica dedutiva e indutiva*. São Paulo: Abril Cultural, 1984.

<sup>17</sup> DURKHEIM, Emile. *As regras do método sociológico*. São Paulo: Cia. Ed. Nacional, 1987.

<sup>18</sup> WEBER, Max. *Ensaio de sociologia*. Rio de Janeiro: Zahar, 1974.

<sup>19</sup> LIJPHART, Arend. “Comparative politics and the comparative method.” *American Political Science Review*. V. 65, 1971, p. 6682 – 6693.

pesquisa nos websites oficiais das organizações, buscando dessa forma informações confiáveis e intencionalmente públicas. A utilização dos websites oficiais como fonte de pesquisa se justifica pelo entendimento de que, se a Grande Loja ou Grande Oriente compreende os princípios contidos no lema adotado como objetivos institucionais, buscará dar publicidade dessas ações aos seus membros e à comunidade por meio de comunicação oficial, de fácil acesso, e menos efêmero.

O primeiro estudo, realizado por meio de análise de conteúdo com auxílio de recurso iconográfico, teve por objetivo verificar a adesão pública das Grandes Lojas e Grandes Orientes a esses distintos lemas, ou seja, a publicidade dada ao lema adotado e, conseqüentemente, às vocações inerentes a ele. A análise de conteúdo é tida como um método de análise textual de forma a interpretar sua mensagem e compreender seus significados.<sup>20</sup> Para tanto, foi verificada a exposição dos lemas em seus *websites* oficiais, o contexto e posição em que estão inseridos, de forma a compreender sua intenção comunicativa e a quem se destina. Dessa forma, se buscou a exposição visualmente clara do lema “Amor Fraternal, Amparo e Verdade” nos *websites* das Grandes Lojas dos EUA, e do lema “Liberdade, Igualdade e Fraternidade” nos correspondentes das Grandes Lojas e Grandes Orientes brasileiros.

O segundo estudo teve por objetivo verificar as vocações das organizações maçônicas quanto ao lema adotado, analisando assim a influência do lema sobre as atividades das mesmas. Em concordância com as observações de Lijphart<sup>21</sup> acerca das limitações do método comparativo, esse estudo adotou o desenho dos sistemas mais similares,<sup>22</sup> adequado quando da comparação de conteúdo entre sistemas bastante similares, como no caso das organizações maçônicas. Dessa forma, o princípio da fraternidade, comum em ambos os lemas maçônicos, não foi considerado na análise. E tendo os princípios do lema original, de socorro e verdade, como elementos cujas ações relacionadas são mais facilmente mensuráveis do que princípios de liberdade e igualdade, do lema maçônico latino, essas ações serão as variáveis-chave da comparação.

Foram consideradas como ações relacionadas ao princípio de socorro as organizações e programas que são de iniciativa das Grandes Lojas e Grandes Orientes, e de natureza explicitamente filantrópica, voltadas para público externo, e em caráter permanente. E consideradas pelo princípio de verdade aquelas iniciativas e programas dedicados ao estudo,

---

<sup>20</sup> BARDIN, Laurence. *Análise de Conteúdo*. Lisboa, Portugal: Edições 70, LDA, 2009.

<sup>21</sup> LIJPHART, Arend. “Comparative politics and the comparative method.” *American Political Science Review*. V. 65, 1971, p. 6682 – 6693.

<sup>22</sup> PRZEWORSKI, Adam; TEUNE, Henry. *Logic of comparative social inquiry*. Minnesota: John Wiley & Sons, Inc., 1970.

pesquisa e conhecimento maçônico, voltados ao público interno, e de caráter permanente. Desse modo, ações de terceiros, apenas apoiadas pela Maçonaria, ou campanhas e projetos temporários não foram computados.

### 3.1.2. Escopo do Estudo 1

Realização de análise de conteúdo das páginas principais dos websites oficiais dos dois grupos representativos dos lemas distintos de “Amor Fraternal, Amparo e Verdade”, representado pelas Grandes Lojas norte-americanas, e “Liberdade, Igualdade e Fraternidade”, representado pelas Grandes Lojas e Grandes Orientes brasileiros, com buscas a verificar a publicidade de tais lemas e para quem se destina.

### 3.1.3. Análise Comparativa dos Resultados - Estudo 1

Nenhum dos *websites* oficiais das Grandes Lojas e Grandes Orientes brasileiros ostenta o lema maçônico latino em sua página principal, como verificado nos exemplos norte-americanos. Isso pode indicar uma secundarização do lema no que tange à sua publicidade e destaque. Essa aparente secundarização poderia ser justificada pelo fato do lema maçônico latino ser menos praticável do que o lema maçônico original.

Enquanto todos os *websites* das Grandes Lojas norte-americanas apresentaram conteúdo de suas páginas iniciais voltado principalmente para o público externo, alguns *websites* de Obediências brasileiras não possuem a mesma orientação, apresentando apenas conteúdo com foco no interesse de seus membros. Como exemplos, têm-se os *websites* da Grande Loja do Estado de São Paulo - GLESP e da Grande Loja Maçônica do Mato Grosso do Sul – GLMMS.

Em resumo, o estudo indicou que a Maçonaria norte-americana proclama publicamente o lema de “Amor Fraternal, Amparo e Verdade”, relacionando suas atividades à vida em comunidade, ao estudo e à caridade, demonstrando, assim, sua vocação para as atividades relacionadas a esses princípios. E que, por outro lado, a Maçonaria brasileira divulga, apenas em segundo plano, seu lema de “Liberdade, Igualdade e Fraternidade”, também buscando ligar suas atividades a esses últimos princípios, justificando, para tanto, sua participação na história distante (século XIX).

Nos 49 *websites* analisados do grupo dos EUA (02 não tinham website disponível até a conclusão do estudo), não se encontrou a exposição do lema maçônico latino, assim como nos 37 *websites* do grupo do Brasil (12 também não tinham website disponível) não há menção do lema maçônico original (anglo-saxônico), o que corrobora com a teoria da aderência desses dois grupos distintos e representativos a seus respectivos lemas, não havendo, em todos os casos analisados, qualquer ocorrência da aparição de ambos os lemas numa mesma Obediência.

#### **3.1.4. Escopo do Estudo 2**

O primeiro estudo confirmou empiricamente a afirmação teórica da adoção do lema de “Amor Fraternal, Amparo e Verdade” pelo grupo representativo da Maçonaria original, anglo-saxônica, e do lema de “Liberdade, Igualdade e Fraternidade” pelo grupo representativo da Maçonaria latina, por meio da publicidade dos lemas, realizada nos *websites* oficiais dos dois grupos, a qual é orientada principalmente ao público externo, não maçom.

Este segundo estudo se aprofundou na questão, analisando se o lema adotado interfere diretamente nas ações permanentes das Grandes Lojas e Grandes Orientes. Utilizando dos princípios de Socorro e de Verdade como variáveis-chave da análise comparativa, espera-se que o grupo representativo do lema “Amor Fraternal, Amparo e Verdade” apresente publicamente desempenho superior nas atividades relacionadas a esses princípios do que o grupo que adota o lema latino.

#### **3.1.5. Análise Comparativa dos Resultados - Estudo 2**

Enquanto os *websites* oficiais das Grandes Lojas norte-americanas divulgam uma média de quase 08 organizações/programas permanentes relacionados aos princípios de “Socorro” e “Verdade” por Grande Loja, os correspondentes das Grandes Lojas e Grandes Orientes brasileiros apresentam uma média inferior a 01 organização/programa por Obediência Maçônica.

As informações disponíveis sugerem que cada Grande Loja norte-americana possui uma Fundação Maçônica de Caridade, a qual geralmente recebe uma porcentagem das taxas recolhidas pela Grande Loja, além de doações de maçons e da comunidade. Essa fundação tem por finalidade a manutenção financeira das organizações e programas filantrópicos realizados

pela Grande Loja. Três são os tipos mais comuns de organizações e programas filantrópicos permanentes divulgados pelos *websites* das Grandes Lojas dos EUA: programas educacionais, asilos de idosos, e os programas maçônicos de identificação de crianças.

Dentre os programas educacionais das Grandes Lojas dos EUA, os mais comuns são os de concessão de bolsas de estudo para alunos de baixa renda. Há ainda outros tipos de programas educacionais, como de premiação dos melhores professores, programas de aulas de reforço, além de reformas das escolas públicas.

Os asilos maçônicos surgiram nos EUA a partir do Século XIX, inicialmente para abrigar os maçons idosos e viúvas de maçons. Com o passar das décadas, muitas Grandes Lojas viram a necessidade de abrir as portas de seus asilos também para idosos não-maçons. Os asilos maçônicos oferecem não somente abrigo, mas também refeições e roupas limpas, além de cuidados médicos. Eles são subsidiados pelas fundações maçônicas, o que faz com que seus custos sejam abaixo dos praticados no mercado.

Já o Programa Maçônico de Identificação de Crianças, presente na maioria das Grandes Lojas dos EUA, tem por objetivo auxiliar na identificação e na recuperação de crianças desaparecidas. Com o patrocínio das Grandes Lojas, as Lojas realizam em suas comunidades eventos de cadastramento de crianças, em que os pais têm a oportunidade de fazer um kit de identificação de seus filhos de forma gratuita, contendo suas impressões digitais e da arcada dentária, descrição física, amostra de DNA e um vídeo da criança. Esse programa tem apresentado bons resultados desde sua implantação.

As informações sobre essas organizações e programas contidas nos *websites* sugerem que ocorre uma espécie de *benchmarking*<sup>23</sup> entre muitas das Grandes Lojas norte-americanas acerca de suas atividades filantrópicas. Em contrapartida, as 07 únicas Obediências Maçônicas brasileiras que divulgam organizações e programas filantrópicos permanentes em seus *websites* apresentam atividades filantrópicas heterogêneas, mesmo ao analisar aquelas pertencentes à mesma confederação.

Cenário similar é observado nas organizações e programas voltados ao estudo, pesquisa e difusão de conhecimento maçônico. As Grandes Lojas norte-americanas apresentam certa homogeneidade nesse tipo de atividade, concentrada em: museus e bibliotecas maçônicas, Lojas de pesquisas e revistas maçônicas. Outros programas menos comuns incluem: programa de mentores, comissões de palestrantes oficiais, e escolas e cursos

---

<sup>23</sup> Processo de desenvolvimento organizacional por meio de estudo e aprendizagem das melhores práticas de outra organização.

de instrução e liderança. Enquanto que na Maçonaria brasileira, ou melhor, as 18 Grandes Lojas e Grandes Orientes que divulgam esse tipo de organização/programa em seus websites, aparentam focar na promoção de suas revistas e jornais aos seus membros.

Por fim, verificou-se neste estudo que o grupo representativo do lema “Amor Fraternal, Amparo e Verdade”, ou seja, o grupo dos EUA, apresentou desempenho superior em quantidade de atividades relacionadas às variáveis-chave do que o grupo que adota o lema latino, o do Brasil, com o lema “Liberdade, Igualdade e Fraternidade”. Foi registrada a publicidade de uma média de 08 organizações/programas relacionados por cada Grande Loja norte-americana, contra uma média inferior a 01 organização/programa divulgado por cada correspondente brasileiro. Esse era o resultado esperado e confirma empiricamente a proposição teórica de que o lema adotado interfere diretamente nas ações permanentes das Obediências.

### **3.1.6. Conclusão dos estudos**

Algumas limitações foram identificadas no decurso dos estudos, as quais podem, de alguma forma, ter influenciado nos seus resultados. Enquanto as Grandes Lojas dos EUA somam mais de 1,3 milhão de membros, as Grandes Lojas e Grandes Orientes brasileiros somam aproximadamente 250 mil, o que diminui a capacidade de trabalho voluntário, necessário para a manutenção de muitas atividades. Outra limitação é o tempo da instituição. Enquanto as Grandes Lojas dos EUA foram fundadas durante o Século XVIII e XIX, apenas uma única Obediência do grupo brasileiro foi fundada antes do Século XX. Por último, a carga tributária entre EUA e Brasil é muito diferente, principalmente no que tange a doações. A legislação brasileira pune o doador com tributos e excessiva burocracia para abatimentos, enquanto a legislação americana incentiva a doação, cobrando altos impostos sobre herança em muitos estados, por exemplo. Essa diferença tributária impacta na manutenção financeira de organizações e programas sociais.

Porém, apesar de tais limitações, a presente pesquisa obteve o sucesso esperado em seu objetivo primário, que era o de colaborar para uma melhor compreensão das razões que levam à estagnação social em que se encontra atualmente a Maçonaria brasileira. Seguindo princípios mais filosóficos do que práticos, a Maçonaria brasileira, assim como toda a Maçonaria latina, parece enfrentar uma crise de identidade, ou melhor, uma crise de obsolescência, ao sustentar vocações tão úteis em outros momentos históricos, mas menos necessárias no atual cenário mundial do Ocidente. Trata-se de uma situação similar à de um

daqueles vendedores de enciclopédias de porta em porta, que vendia dezenas de coleções por semana há algumas décadas, e hoje vive da lembrança daquela época, queixando-se de como a internet pôs um fim em sua profissão.

Fato é que, no Brasil, geralmente qualquer pequena OnG ou grupo religioso, com apenas algumas dúzias de membros, faz mais pela sociedade do que uma Grande Loja ou Grande Oriente, que conta com milhares de membros. Isso sem falar na probabilidade de que pelo menos um membro dessa pequena igreja seja um maçom. Baseando-se nas referências teóricas e resultados empíricos obtidos neste trabalho, pode-se supor que isso ocorre porque uma igreja tem claramente em seu lema, “fé, esperança e caridade”, sua vocação e dever filantrópicos. Enquanto que a Maçonaria brasileira, com seu lema emprestado da Revolução Francesa, deixa margens para que muitos irmãos, restritos ao conhecimento maçônico local, questionem se a caridade tem realmente espaço nas finalidades da Maçonaria. E numa instituição que prioriza a unanimidade entre seus membros, alguns poucos questionamentos são o bastante para sepultar qualquer iniciativa social.

A esperança é de que a Maçonaria brasileira, ainda jovem, tenha energia e disposição para buscar outras vocações, e talvez humildade para aprender com os irmãos do Norte que, mesmo mais velhos e em decadência de números, ainda mantém-se prósperos no que se refere a seus objetivos institucionais.

Como vimos no capítulo anterior, o Grande Oriente do Brasil uma vez mudou o lema, mas adotando um lema errado e pelas razões erradas. Nada impede que ele e as outras obediências maçônicas brasileiras, cientes de que o “Liberdade, Igualdade e Fraternidade” não está funcionando, mude pelas razões certas. *#ficaadica*.

### **3.2. Primeiro elemento do Lema: AMOR FRATERNAL**

Enquanto algumas lideranças maçônicas estaduais e nacional teimam em cutucar suas próprias feridas e a dos outros, construindo muros cada vez mais altos para dividir e separar irmãos, muitos desses irmãos que se encontram na base das obediências maçônicas brasileiras, muitos dos quais apoiados por líderes mais fraternos, estão preocupados e dedicados a construir pontes sobre tais muros, mantendo assim os laços de fraternidade que unem os verdadeiros irmãos.

Uma dessas pontes, campo neutro que permite que irmãos de diferentes obediências se unem por uma causa maior, é a Ordem DeMolay, pela qual irmãos do Grande Oriente do Brasil, das Grandes Lojas e dos Grandes Orientes Independentes, têm trabalhado, sem distinção entre eles, de forma a garantir não somente o futuro da Maçonaria brasileira, mas principalmente melhores cidadãos e líderes para o futuro do país.

### **3.2.1. *Ordem DeMolay: escola de líderes para garotos***

Criada nos Estados Unidos, em 1919, e existente no Brasil desde 1980, graças inicialmente ao Supremo Conselho do Grau 33 do Rito Escocês Antigo e Aceito da Maçonaria para a República Federativa do Brasil (que nome longo... chamemos apenas de Supremo de Jacarepaguá), a Ordem DeMolay sofreu uma grande expansão em território nacional a partir de 2004, chegando atualmente a mais de 50 mil membros. Considerada como o maior programa social da Maçonaria, a Ordem é dedicada à formação moral e de liderança de garotos entre 12 e 21 anos de idade, ensinando-os a falar em público, trabalhar em equipe, respeitar regras e hierarquias, ter responsabilidades, organizar eventos e ajudar o próximo, dentre muitas outras coisas. Há sete virtudes que devem ser observadas pelos membros:

- Amor filial (amar pai e mãe);
- Reverência às coisas sagradas (ter uma religião e respeitar as demais);
- Cortesia (ser educado com todos, especialmente os mais velhos);
- Companheirismo (camaradagem para com todos os irmãos da Ordem e demais amigos);
- Fidelidade (sempre cumprir com a palavra dada e juramento prestado);
- Pureza (boas ações e bons pensamentos);
- Patriotismo (amar a pátria e cantar com orgulho seu hino).

O nome da Ordem, DeMolay, deriva do último Grão-Mestre da Ordem dos Templários, Jacques de Molay, cuja história serve de exemplo de fidelidade e companheirismo aos jovens membros da instituição, chamados de “DeMolays”. Após os 21 anos de idade e quando alcançam independência financeira, muitos DeMolays (então chamados de Sêniores) são convidados a ingressar na Maçonaria e a apoiarem, então como maçons, os organismos da Ordem DeMolay. Lojas Maçônicas das três vertentes brasileiras podem patrocinar grupos de DeMolays, sem distinção. Assim, os DeMolays que posteriormente ingressam na Maçonaria estão, de certa forma, vacinados contra as intrigas e os rancores das cisões do século passado.

Importante registrar que, enquanto muitas Lojas Maçônicas brasileiras não têm o costume de desenvolver programas sociais próprios, os Capítulos DeMolays dedicam boa parte de seus esforços a atividades filantrópicas, refletindo positivamente na imagem popular da Maçonaria.

O código de ética de um DeMolay apresenta os princípios que norteiam esses jovens:

- Um DeMolay deve respeitar e crer em algum Deus;
- Um DeMolay deve honrar e respeitar todas as mulheres;
- Um DeMolay deve amar e honrar seus pais;
- Um DeMolay é honesto;
- Um DeMolay é leal a ideais e amigos;
- Um DeMolay executa trabalhos honestos;
- Um DeMolay sempre permanece inabalável a favor das escolas públicas;
- Um DeMolay é o orgulho de sua Pátria, seus pais, sua família e seus amigos;
- A palavra de um DeMolay é tão válida quanto sua confiança.

Como escola de líderes, apesar de existir no Brasil há apenas um pouco mais de 30 anos, a Ordem DeMolay tem demonstrado alcançar tal objetivo. Além de vários Seniores DeMolays terem alcançado postos de destaque nas mais diferentes atividades, em 2016 o Brasil presenciou seu primeiro Sênior DeMolay a ser eleito e empossado como Grão-Mestre: Cassiano Teixeira de Moraes, da Grande Loja Maçônica do Distrito Federal - GLMDF.

No entanto, nem tudo são flores. A Ordem DeMolay é gerida por maçons. E, no caso do Brasil, alguns desses maçons podem levar para dentro dessa organização juvenil todos os vícios e rancores vividos e/ou aprendidos na Maçonaria. O reflexo dessa contaminação ocorreu durante os anos de 2002 e 2004, quando o Supremo Conselho da instituição no Brasil perdeu seu reconhecimento internacional por uma série de irregularidades. Alguns dos dirigentes maçons, preocupados com a continuidade da instituição no Brasil de forma internacionalmente reconhecida, não conseguiram contornar a situação de outra forma que não fosse a criação de um novo Supremo Conselho da Ordem DeMolay. E os dirigentes fieis àquele Supremo Conselho que perdera o reconhecimento não aceitaram a criação do novo, insistindo na manutenção do primeiro.

Resultado da novela: por mais de 10 anos os jovens DeMolays do Brasil vivem um reflexo das divisões maçônicas brasileiras, coexistindo dois Supremos Conselhos da Ordem DeMolay no país, um reconhecido e o outro não. E no decorrer desses anos, a briga foi

conduzida nos tribunais de justiça. Por sorte, parece que a questão está prestes a ser resolvida, a favor do novo Supremo Conselho, fundado em 2004.

### 3.2.2. *O Real Arco Internacional*

Enquanto muitos maçons encontraram na Ordem DeMolay, uma instituição internacional fundada nos Estados Unidos, o campo neutro para se reunirem fraternalmente, mas não maçonicamente, e fazer a diferença para dezenas de milhares de jovens brasileiros, milhares de outros irmãos (alguns sendo os mesmos que militam na Ordem DeMolay) encontraram no Real Arco Internacional, mais comumente chamado de “Real Arco Americano”, também trazido dos Estados Unidos, a ponte que permite a possibilidade de “fazerem maçonaria” sobre o muro que os dividem nos graus simbólicos.

#### **Real Arco ou Arco Real?**

O termo em inglês “Royal Arch” é comum tanto ao sistema internacional, originado nos Estados Unidos, quanto ao sistema inglês, apesar de serem distintos: no sistema criado nos EUA seu formato é de “Altos Graus” (ou graus superiores, como alguns preferem chamar), enquanto que no sistema inglês é apenas um complemento do terceiro grau, sendo, portanto, parte do Simbolismo.

Quando os primeiros Capítulos do Real Arco Internacional foram fundados no Brasil, mais precisamente no Paraná e no Rio de Janeiro, optou-se por adotar a nomenclatura “Real Arco” exatamente para diferenciar, evitando assim confusão com os capítulos do sistema inglês.

Enquanto o Real Arco possui corpo totalmente independente de Loja Simbólica, concedendo quatro graus bem estruturados e relacionados entre si; o Arco Real não chega a ser um grau, mas apenas um complemento lateral, uma espécie de apêndice do grau de Mestre Maçom, ligado a uma Loja Simbólica e sujeito à Obediência da mesma.<sup>24</sup>

O Real Arco é o primeiro Corpo que compõe os Altos Graus do Rito de York (o americano e não o Emulação, impropriamente chamado de York no Brasil). Após o Capítulo de

<sup>24</sup> RIBEIRO, J. G. C. *O Nosso Lado da Escada*. 2ª edição. Rio de Janeiro: Edição do Autor, 2015.

Maçons do Real Arco, tem-se o Conselho de Maçons Críticos e, finalmente, a Comandaria de Cavaleiros Templários.

O Supremo Grande Capítulo de Maçons do Real Arco do Brasil recebeu sua Carta Constitutiva do *General Grand Chapter of Royal Arch Masons International* (Grande Capítulo Geral de Maçons do Real Arco Internacional), a maior instituição maçônica internacional do mundo, em 2001. Em seu estatuto, algo inédito a uma organização maçônica no Brasil, reconhece-se como regulares as três vertentes maçônicas brasileiras: os Grandes Orientes Estaduais federados ao Grande Oriente do Brasil, as Grandes Lojas Estaduais confederadas à Confederação da Maçonaria Simbólica do Brasil, e os Grandes Orientes Independentes confederados à Confederação Maçônica do Brasil.

O resultado desta outra novela: mais de cinco mil mestres maçons, das três vertentes, ingressaram no Supremo Grande Capítulo de Maçons do Real Arco do Brasil em apenas 15 anos, com novos Capítulos sendo fundados a todo mês e o número de filiações crescendo em ritmo acelerado, sendo, disparado, a organização maçônica que mais cresce no país. Entre os filiados, muitos Grão-Mestres de obediências maçônicas estaduais das três vertentes, membros efetivos do Supremo Conselho de Jacarepaguá e lideranças maçônicas de outros Altos Corpos. E nos mais de cem organismos afiliados, irmãos das três vertentes sentam-se, lado a lado, vivendo uma fraternidade às vezes proibida em suas Lojas, que é uma triste realidade em alguns Estados.

### **3.2.3. O Supremo Conselho do Grau 33 do REAA**

Vou repetir o nome completo pela última vez, prometo: O Supremo Conselho do Grau 33 do Rito Escocês Antigo e Aceito da Maçonaria para a República Federativa do Brasil, mais conhecido como Supremo Conselho de Jacarepaguá, por conta do bairro carioca onde se situa sua sede, ou pelo termo errôneo e impreciso de Supremo Conselho das Grandes Lojas, é o único Supremo Conselho do REAA no Brasil reconhecido internacionalmente, em detrimento dos demais Supremos Conselhos do REAA.

Trata-se daquele Supremo Conselho fundado por Montezuma, em 1832, e liberto do Grande Oriente do Brasil por Mário Behring, em 1927, conforme já abordado em outros tópicos desta obra. Importante registrar que na época da “independência” do Supremo Conselho, o Grande Oriente do Brasil, não aceitando a decisão, “reergue” o Supremo Conselho

em seu seio, com os membros efetivos remanescentes, mantendo o órgão subordinado ao Grande Oriente do Brasil. Ou seja, o Brasil passa a ter dois Supremos Conselhos se autodeclarando o original, de Montezuma: um independente e fundador das Grandes Lojas, governado por Mário Behring; outro subordinado ao Grande Oriente do Brasil, governado pelo então Grão-Mestre Octávio Kelly.

Em 1929, em Paris, ocorre a IV Conferência Mundial de Supremos Conselhos, quando a questão é apresentada e apreciada pela comissão competente. Ficou decidido a partir de então e até os dias de hoje que o Supremo Conselho então governado por Behring é o legítimo Supremo Conselho fundado por Montezuma e o único reconhecido no Brasil. Mesmo assim, o Grande Oriente do Brasil manteve a irregularidade de seu Grão-Mestre Geral governar também o Supremo Conselho até 1951, quando esse erro foi formalmente corrigido.<sup>25</sup> No entanto, a influência (ou seria ingerência?) do Grão-Mestre Geral do Grande Oriente do Brasil sobre os Altos Corpos atualmente é nítida, notória, e ilustrada em atitudes como a suspensão e/ou expulsão de alguns dos governantes dos Altos Corpos ligados ao Grande Oriente do Brasil, como foi o caso do dirigente do Excelso Conselho da Maçonaria Adonhiramita e o de algumas das ordens de aperfeiçoamento inglesas.

Enfim, voltando ao Supremo Conselho de Jacarepaguá, apesar do mesmo ter rompido com o Grande Oriente do Brasil pelos motivos anteriormente expostos, não o reconhecendo mais como regular, esse veto a membros do Grande Oriente do Brasil foi retirado ao final da década de 90, e a filiação de membros de Grandes Orientes da COMAB foi permitida há alguns anos. Assim, nas Lojas de Perfeição, Capítulos Rosacruz, Conselhos Kadosh e Consistórios de Príncipes do Real Segredos jurisdictionados ao Supremo Conselho de Jacarepaguá, também é possível, assim como nos Altos Corpos do Rito de York, encontrar irmãos das três vertentes maçônicas brasileiras, sem distinção, “fazendo maçonaria”.

### **3.3. Segundo elemento do Lema: AMPARO**

Assim como o caminho para o princípio do Amor Fraternal, em parte obstruído nos graus simbólicos da Maçonaria brasileira, tem sido trilhado por meio de organizações maçônicas e paramaçônicas internacionais, de forma similar os maçons brasileiros têm atendido o princípio do Amparo, segundo elemento do lema maçônico original de “Amor Fraternal, Amparo e Verdade”.

---

<sup>25</sup> RIBEIRO, J. G. C. *Os Fios da Meada*. Rio de Janeiro: Infyarte, 2007.

Amparo foi a opção que escolhi para a tradução do termo em inglês “*Relief*”. Outra opção de tradução seria “Socorro”. De qualquer forma, trata-se, como já explicado, da virtude da Caridade. E boa parte dos esforços dos irmãos maçons brasileiros no sentido caritativo tem sido voltada para outra ordem maçônica internacional: os Shriners.

### **3.3.1. Os Nobres Shriners: A maior caridade maçônica internacional**

Os *ShrinersInternational*, é uma ordem maçônica, fundada em 1872, nos Estados Unidos. Até o ano de 2000, o ingresso na ordem era restrito a maçons que detivessem o 32º grau do Rito Escocês Antigo e Aceito ou fossem Cavaleiros Templários do Rito de York, os únicos ritos praticados pela maçonaria norte-americana. A partir de 2000, a Ordem foi aberta a todo Mestre Maçom interessado em ingressar, de forma a garantir a manutenção de seus projetos sociais.

Inicialmente, a instituição não realizava uma filantropia oficial centralizada, apesar de que todos os Templos Shriners, formados por maçons familiarizados com o lema maçônico de “Amor Fraternal, Amparo e Verdade”, realizavam algum tipo de filantropia. A partir de 1919 houve uma mobilização para definição de foco em uma filantropia oficial da ordem. Desde então, esse foco é o cuidado de crianças enfermas. Atualmente, os Shriners somam quase meio milhão de membros, divididos em mais de 200 templos espalhados pelo mundo. Além dos programas locais permanentes que cada Clube desenvolve em prol da nobre causa da saúde infantil, destaca-se os 22 Hospitais Shriners, localizados nos Estados Unidos, Canadá e México, que tratam gratuitamente milhares de crianças até os 18 anos de idade que tenham, principalmente, enfermidades ortopédicas, queimaduras, lesões medulares, e lábio leporino e fissura palatina.

Os Shriners chegaram ao Brasil em 2009, contando com clubes dedicados ao cuidado de crianças enfermas em todo o país e um templo em Cuiabá-MT, chamado “Hikmat”. Muitos desses clubes focam suas atividades em melhorar a qualidade de vida de crianças internadas em hospitais públicos, por meio de voluntariado, construção de parquinhos, doação de brinquedos e livros infantis, fraldas, roupas e, muitas vezes, suprimentos médico-hospitalares em falta na rede pública. Já o Templo Hikmat dedica seus esforços em construir um Hospital Shriener em Cuiabá, o primeiro do gênero na América do Sul.

Como emblema, os Shriners utilizam um fez vermelho, espécie de chapéu que evidencia a temática árabe, a qual serviu de inspiração para as cerimônias originais da

Ordem. Maçons do Grande Oriente do Brasil, das 27 Grandes Lojas estaduais brasileiras e de alguns Grandes Orientes da COMAB (atualmente RS, MT e SP) podem ingressar.

### **3.3.2. Casas de Apoio**

Outro tipo de ação caritativa que merece toda a consideração e registro nesta obra é o da construção e manutenção de casas de apoio a maçons, familiares e, em alguns casos, também profanos, que estejam realizando tratamento médico em localidades com hospitais especializados.

Esse é o caso da Casa do Maçom “João Baroni”, mais conhecida como Casa do Maçom de Barretos, construída e inaugurada, em 2008, por iniciativa da Loja “Fraternidade Paulista”, do Grande Oriente Paulista – COMAB, e com o apoio de Lojas das três vertentes maçônicas brasileiras, destinada ao suporte a maçons e familiares em tratamento no Hospital do Câncer de Barretos, que é referência nacional em pesquisa, prevenção e tratamento de câncer. A casa oferece suítes com ar condicionado e todo conforto, duas refeições diárias e traslado para o hospital.

Em Goiânia, capital de Goiás, a AMEM-GO, a Associação Maçônica de Assistência Social de Goiás, também vem dando sua contribuição de forma similar, ao manter, com a direção de membros do GOEG-GOB e da GLEG – Grande Loja do Estado de Goiás, e com o apoio das Lojas de ambas as obediências, um albergue. A diferença é que, em vez de voltado aos maçons e familiares, o alojamento goiano é destinado à população carente do interior do estado, que se dirige à Goiânia em busca de tratamento médico.

E mais recentemente, a Grande Loja Maçônica do Estado de Rondônia – GLOMARON, anunciou o lançamento de seu projeto de construção da “Casa de Apoio ao Hospital de Câncer da Amazônia”, que prevê a construção de 53 apartamentos em um espaço ao lado de onde está sendo construído o hospital, em Porto Velho – Rondônia, e que atenderá enfermos de todo o Norte do país. Trata-se de um projeto superior a 7 milhões de reais, no qual toda a maçonaria brasileira, independente de vertente, se envolverá, como ocorreu em Barretos-SP, com absoluta certeza.

Por sinal, a GLOMARON já tem experiência com esse tipo de projeto, tendo construído anteriormente, e vem mantendo com todo o cuidado, uma Casa de Apoio próxima ao Hospital do Câncer “São Daniel Comboni”, em Cacoal, interior de Rondônia, que atende pacientes de

todo o estado. Quem quiser ajudar na construção da nova Casa de Apoio, em Porto Velho, acesse o website oficial da GLOMARON: <http://glomaron.org.br/casadeapoio.html>

Enfim, quando abriga-se um irmão em tratamento de câncer e a cunhada que o acompanha, preocupada; quando se veste e brinca com crianças que morarão no hospital os próximos seis meses ou mais; quando se dá a oportunidade de um banho quente e um prato de comida saudável a uma mãe carente com seu filho enfermo nos braços; quando se auxilia alguém, quem quer que seja, que esteja necessitando de ajuda ou solidariedade; vive-se esse princípio, que é o verdadeiro valor da Maçonaria. E então, vê-se como a questão da intervisitação é tão superficial, esdrúxula e alimentada pelas razões erradas.

### 3.4. Terceiro elemento do Lema: VERDADE

A Verdade, último elemento do lema original da Maçonaria, é colocada em pé de igualdade com os princípios de Amor Fraternal e Amparo. E isso não é por acaso.

A definição mais comum que se tem da Maçonaria é de que ela é “um belo sistema de moralidade velado em alegoria e ilustrado por símbolos”.<sup>2627</sup> Essa definição é derivada de outra, de autoria de William Preston<sup>28</sup>, que considera a Maçonaria “um sistema regular de moralidade, concebido em uma tensão de interessantes alegorias, que desdobra suas belezas ao requerente sincero e trabalhador”.

Ou seja, a Maçonaria é uma escola de filosofia moral, numa abordagem muito similar e próxima daquela proposta por Immanuel Kant. Nesse sentido, a busca da verdade está diretamente relacionada com a Sabedoria, primeira e principal coluna maçônica, visto que buscar a verdade é renegar a ignorância. Preston deixa essa abordagem maçônica muito clara, ao afirmar que “a prática da virtude é imposta e os deveres de moralidade são inculcados, enquanto a mente é preparada para um progresso regular nos princípios do conhecimento e da filosofia”<sup>29</sup>.

Essa visão da busca da verdade com base numa abordagem moral também está explícita no conceito de Maçonaria apresentado pela Coil’sMasonicEnciclopedia, a anteriormente apresentada enciclopédia maçônica:

<sup>26</sup> GUNN, Joshua. Death by Publicity: U. S. Freemasonry and the Public Drama of Secrecy. *Rhetoric & Public Affairs*, Vol. 11, No. 2, pp. 243-277, 2008.

<sup>27</sup> ZELDIS, Leon. Illustrated by Symbols. New York, NY: *Philaethes*, The Journal of Masonic Research & Letters, Vol. 64, n. 02, p. 72-73, 2011.

<sup>28</sup> PRESTON, William. *Illustrations of Masonry*. New York: Masonic Publishing and Manufact., 1867, p.37.

<sup>29</sup> Idem, *Ibidem*, p.8.

Maçonaria, em seu sentido mais amplo e abrangente, é um **sistema de moralidade e ética social**, e uma filosofia de vida, de caráter simples e fundamental, incorporando um humanitarismo amplo e, embora tratando a vida como uma experiência prática, subordina o material ao espiritual; é **moral**, mas não farisaica; **exige sanidade em vez de santidade**; é tolerante, mas não indiferente; **busca a verdade, mas não define a verdade**; **incentiva seus adeptos a pensar, mas não diz a eles o que pensar; que despreza a ignorância, mas não reprovava o ignorante; que promove a educação**, mas não propõe nenhum currículo; ela abraça a liberdade política e de dignidade do homem, mas não tem plataforma ou propaganda; acredita na nobreza e utilidade da vida; é modesta e não militante; que é moderada, universal, e liberal quanto a permitir que cada indivíduo forme e expresse sua própria opinião, mesmo sobre o que a Maçonaria é, ou deveria ser, e convida-o a melhorá-la, se puder<sup>30</sup> (GRIFO NOSSO).

E é na observância desse princípio, de busca da verdade, que incontáveis pontes têm sido elevadas na Maçonaria brasileira, em ritmo e volume crescentes, proporcionando, a cada dia, mais luz na Maçonaria, o que tem tornado o povo maçônico brasileiro mais esclarecido quanto a sua própria instituição e seu funcionamento. E tal esclarecimento vem acompanhado do exercício da dialética maçônica, gerando questionamentos (antíteses) quanto aos muros do simbolismo, suas verdadeiras razões e motivações.

### **3.4.1. Literatura Maçônica**

Com o advento da última geração de adultos à Maçonaria brasileira, formada principalmente por homens com nível superior e educados no período pós-ditadura, o instinto questionador e o alto nível de instrução abriram espaço para uma maior exigência na qualidade da literatura maçônica. Esses novos membros, muitos deles com especialização, MBA, Mestrado ou Doutorado, dentre eles alguns professores universitários, não digerem com facilidade as clássicas obras maçônicas desprovidas de referências bibliográficas e evidências documentais, em boa parte influenciadas por um esoterismo exacerbado e emprestado de outras instituições não-maçônicas.

Esses novos maçons brasileiros tiveram que escrever TCCs (trabalhos de conclusão de curso) referenciados, obedecendo as normas da ABNT - Associação Brasileira de Normas Técnicas, pesquisando muito para escrever cada parágrafo. Ainda para o TCC, tiveram que definir e seguir métodos claros de pesquisa, observando um mínimo de rigor aceitável. E, ao consumirem literatura acadêmico-científica, técnica ou profissional, por conta de suas

---

<sup>30</sup> COIL, Henry Wilson; BROWN, William M. *Coil's Masonic Encyclopedia*. New York: Ed. Macoy, 1961, p.159.

atividades laborais, exigem também um padrão de qualidade, que engloba boas referências, solidez conceitual, etc. Por que exigir menos de um livro maçônico?

Aparentemente, as editoras especializadas ou com coleção de títulos maçônicos perceberam essa mudança de perfil de seu público consumidor, provavelmente pela queda de vendas de títulos maçônicos de autores que se autodenominavam “magos”, como Jorge Adoum e Papus; e de outros autores que escreveram centenas de páginas em dezenas de livros sem nunca citarem uma única fonte ou referência, ou, quando muito, citaram meia dúzia de livros, alguns deles mesmos, os quais também não eram referenciados. Desse último tipo, nem preciso citar os nomes.

O reflexo dessa mudança pode ser observado com um aumento da publicação de traduções de títulos estrangeiros, em especial de autores maçons ingleses, escoceses e americanos, cujos cuidados metodológicos e de escolha de fontes e referências se destacam ao simples folhear das páginas, quando se verifica dezenas e, algumas vezes, mais de uma centena de artigos e livros consultados e pesquisados quando do desenvolvimento de uma única obra literária.

### **3.4.2. Ensino**

Se você leu com um mínimo de atenção o tópico anterior, pode estar se pensando que, se destaque como características da nova geração de maçons brasileiros a formação superior e capacidade de questionamento, isso quer dizer que... isso mesmo. Quer dizer que a velha geração, de um modo geral, não tinha tais características. A geração anterior, que, principalmente nas grandes cidades, ainda está em fase de convívio com a nova geração, é formada, em sua maioria, por irmãos sem curso superior e que, crescidos entre a ditadura varguista e a militar, não vêem com bons olhos o questionamento.<sup>31</sup> E essa ainda é a realidade maçônica em algumas localidades do país, cujas Lojas ainda estão com suas portas fechadas à nova geração.

Ora, a Maçonaria se popularizou durante o século XX, neste país cujo ensino superior somente foi descentralizado, alcançando todas as regiões do Brasil, a partir da gestão de Juscelino Kubitschek. No entanto, até a década de 80, menos de 1% da população brasileira tinha acesso às universidades. E somente voltamos à democracia de fato em 1990. Desse modo, o marco divisor de gerações maçônicas está em aproximadamente 1972, quando

---

<sup>31</sup> Há exceções, ok?

começaram a nascer os atuais “novos maçons”, com idade atual inferior a 45 anos, enquanto que a idade média do maçom brasileiro ultrapassa os 60 anos, ainda composta por maioria da velha geração.

Enfim, essa nova geração não vê maçonaria como um clube, como uma oportunidade de dar uma fugidinha de casa, ou como um passatempo, levando-a a sério no que tange ao seu objetivo institucional de uma escola de moralidade. E, como bons alunos, muitos são os que desejam estudá-la, assim como a seus ensinamentos, mais a fundo.

Dessa demanda, surgiram os primeiros cursos de Pós-Graduação *Lato Sensu* relacionados à Maçonaria. Em 2011, o Grande Oriente do Distrito Federal – GODF (GOB) realizou um projeto-piloto na UDF – Centro Universitário do Distrito Federal, de uma pós-graduação em “História da Maçonaria”, e atualmente realiza de forma pioneira, na modalidade Ensino à Distância – EaD, esse curso em parceria com a Unyleya.

O Grande Oriente do Estado do Mato Grosso – GOEMT (COMAB) mantém, inicialmente conveniado com a UniRondon e atualmente em parceria com o IVE – Instituto Várzea-grandense de Educação, um programa semelhante, que é uma pós-graduação em “Filosofia e Fundamentação Maçônica”. E essa experiência campo-grandense foi replicada, com sucesso, na Bahia, com o apoio do Grande Oriente da Bahia – GOBA (COMAB) em parceria com a FAI – Faculdade Irecê. Os resultados têm sido tão positivos que a FAI fez parceria com o Grande Oriente do Rio Grande do Sul – GORGS (COMAB), de forma a replicar o curso também no Rio Grande do Sul.

E, mais recentemente, partiu do Centro de Ensino Superior de Vitória – CESV, no Espírito Santo, a iniciativa de criar mais um curso de pós-graduação em História da Maçonaria, com o apoio da Grande Loja Maçônica do Estado do Espírito Santo.

Em todos os casos, independente se de iniciativa de Grande Oriente Estadual federado ao Grande Oriente do Brasil, da Grande Loja Estadual ou de Grande Oriente confederado à COMAB, os cursos têm como público-alvo essa nova geração de irmãos, com nível superior e interesse em aprofundar seus estudos maçônicos, independente da vertente maçônica a que pertençam.

### **3.4.3. Pesquisa**

E no motor da busca da verdade não poderia faltar essa importante engrenagem, que é a pesquisa, da qual se origina, de certa forma, a literatura e o ensino.

Os resultados das pesquisas precisam ser publicados, conservados, indexados, organizados, disponibilizados. Nesse sentido, o restante do mundo maçônico já conhecia os seguintes periódicos dedicados à pesquisa maçônica:

- *ArsQuatuorCoronatorum*, periódico anual (UK);
- *PhilalethesJournal*, periódico trimestral (EUA);
- *MasonicSocietyJournal*, periódico trimestral (EUA);
- *Heredom*, periódico anual (EUA);
- *JRFF - Journal for Research into Freemasonry and Fraternalism*, periódico semestral (EUR);
- *REHMLAC - Revista de Estudios Históricos de laMasoneríaLatinoamericana y Caribena*, periódico semestral (Costa rica); dentre outras.

Pois é... até a Maçonaria da Costa Rica, com seus menos de mil membros, já tinha um periódico acadêmico-científico para ler. Já o Brasil somente saiu das trevas em 2013, com o surgimento da revista “Ciência & Maçonaria”, vinculada a um núcleo de pesquisas da UnB - Universidade de Brasília. Trata-se da primeira revista acadêmico-científica na América do Sul dedicada a produção e divulgação de conhecimento sobre a Maçonaria.

E, a partir dessa iniciativa, eventos acadêmicos voltados à Maçonaria, comuns em outros países, passaram a contar com participação brasileira e o país também ganhou suas próprias edições de eventos similares, como o Congresso Brasileiro de Ciência & Maçonaria, realizado em setembro de 2014, na UnB - Universidade de Brasília, e o I Congresso Internacional de Ciência & Maçonaria, previsto para setembro de 2017, também na UnB.

Por que a pesquisa é importante? Ora, porque sem pesquisa não há novas descobertas, melhores entendimentos. Sem a pesquisa a literatura e o ensino não evoluem, apenas se repetem infinitamente. E, principalmente, com a pesquisa a Maçonaria volta a ser palavra dita, pensada e escrita academicamente e, conseqüentemente, passa a ter seu verdadeiro valor reconhecido e registrado. Seja qual for esse valor.

Com iniciativas como essa, a Maçonaria brasileira passa a alcançar um de seus objetivos nesse processo de despertar, o de aparecer no radar das pesquisas acadêmicas, figurando agora nas páginas de periódicos e livros que primam pelo elevado nível científico; além de colaborar para o ensino e debate dos temas que compõem os cursos de pós-

graduação relacionados à Maçonaria, ampliando o conhecimento de formadores de opinião e os incitando ao estudo e pesquisa constante. E, assim, honra seu passado glorioso, construindo uma nova estrada de progresso, a qual passa, obviamente, por algumas pontes construídas sobre muros...

### **3.5. Reflexão: O futuro da Maçonaria brasileira**

Considerando o conflito apresentado, entre o otimismo das ações aqui relacionadas aos princípios de Amor Fraternal, Amparo e Verdade, observadas no Brasil no início deste século XXI, e o pessimismo do envelhecimento do maçom brasileiro e da queda brusca nos números de membros que a Maçonaria brasileira tende a experimentar nos próximos anos, qual seu prognóstico a respeito de como a Maçonaria brasileira estará no ano de 2040?

#### 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Prezado aluno,

É evidentemente impossível registrar detalhadamente toda a história de mais de 200 anos de uma instituição como a Maçonaria em apenas algumas dezenas de páginas. O desafio aqui, que creio ter sido vencido, foi de apresentar uma visão panorâmica da forte atuação social da Ordem Maçônica no país durante o século XIX, seu período de adormecimento (e pesadelos) durante o século XX, e seu possível processo de despertar durante estes primeiros anos do século XXI, destacando os principais períodos contextualizados com as fases enfrentadas no país.

Muitos dos relatos aqui apresentados, principalmente os ocorridos no decorrer do século XX, podem parecer controversos (apesar de estarem muito bem documentados e referenciados aqui) e talvez, de certa forma, constrangedores a você. No entanto, o compromisso deste curso não é com o tentador enaltecimento da Instituição, mas sim com a história verídica, a verdade nua e crua. Acredito que o maçom e a Maçonaria que não conhece sua história estão fadados a repetir os mesmos erros do passado. Assim, este estudo pode ser compreendido como uma benesse à nossa Sublime Instituição.

Em tempo, para que sua formação seja completa, recomendo que não deixe de assistir as vídeoaulas dentro do período disponível e ler a literatura complementar recomendada (links no texto). As referências bibliográficas, relacionadas na próxima página também podem servir de importantes fontes para se aprofundar em um ou outro tópico preferido.

Quaisquer dúvidas, você pode entrar em contato comigo pelo e-mail da Escola No Esquadro: [escola@noesquadro.com.br](mailto:escola@noesquadro.com.br)

Bons estudos!

Um abraço fraterno,

Prof. Kenno Ismail, MSc.

## 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALBUQUERQUE, Tenório de. *Libertadores da América*. São Paulo: Ed. O Malhete, 1959.
- AMARAL, Tancredo. *A História de São Paulo ensinada pela biographia dos seus vultos mais notáveis*. São Paulo: Alves & Cia. Editores, 1895.
- BARATA, Alexandre Mansur. E é certo que os homens se convencem mais pela experiência do que pela teoria: cultura política e sociabilidade maçônica no mundo luso-brasileiro (1790-1822). *REHMLAC*, Vol. 3, No1, 2011.
- BARATA, Alexandre Mansur. *Maçonaria, Sociabilidade Ilustrada e Independência do Brasil: 1790-1822*. Juiz de Fora/São Paulo: Ed. UFJF/Annablume/Fapesp, 2006.
- BARR, J. Why the World Was Created in 4004 BC: Archbishop Ussher and Biblical Chronology. *Bulletin of the John Rylands University*. vol. 67, no2, 1985, p. 575-608.
- BARROS, Francisco Borges. Primórdios das Sociedades Secretas na Bahia, in *Anais do Arquivo Público da Bahia*, Salvador: Imprensa Oficial do Estado da Bahia, 1928.
- BULLOCK, S. C. *Revolutionary Brotherhood: Freemasonry and the Transformation of the American Social Order, 1730–1840*, Chapel Hill, 1996.
- CARVALHO, W. A. Pequena História da Maçonaria no Brasil. *REHMLAC*, Vol. 2, No.1, 2010, p. 31-58.
- CASTELLANI, J. *Fragmentos da Pedra Bruta*. Londrina: Editora A Trolha, 2003.
- CASTELLANI, José. *Do Pó dos Arquivos, Vol. III*. Londrina: Editora Maçônica A trolha, 2003.
- CASTELLANI, José. *Os Maçons e a Abolição da Escravatura*. Londrina: Editora Maçônica “A Trolha”, 1998.
- CASTELLANI, José. *Os Maçons na Independência do Brasil*. Londrina: A Trolha, 1993.
- CMSB. *Súmulas das Mesas Redondas, Assembleias e Conferências*. Brasília: CMSB, 1997.
- COSTA, Cruz. *O Positivismo na República*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1956.
- DAZA, J. C. *Diccionario Akal de Francmasonería*. Madri: Editora Akal, 1997.
- DOS SANTOS, Joaquim Felício. *Memórias do Distrito de Diamantino da Comarca de Serro Frio*. Rio de Janeiro: Typ. Americana, 1868.
- GOMES, Laurentino. *1822: como um homem sábio, uma princesa triste e um escocês louco por dinheiro ajudaram D. Pedro a criar o Brasil, um país que tinha tudo para dar errado*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2010.
- ISMAIL, Kenyo. *O Líder Maçom*. Londrina: Editora Maçônica “A Trolha”, 2014.
- ISMAIL, Kenyo. Porque a Maçonaria Brasileira está perdida: uma análise comparativa da influência dos diferentes lemas sobre as atividades maçônicas. *Ciência & Maçonaria*, Vol. 1, No. 1, 2013, p. 29-50.
- JACOB, M. C. *Living the Enlightenment: Freemasonry and Politics in Eighteenth-Century Europe*. New York: Oxford University Press, 1991.
- LIMA JÚNIOR, Augusto de. *História da Inconfidência de Minas Gerais*. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1955.

LINHARES, Marcelo. *A Maçonaria e a Questão Religiosa do Segundo Império*. Coleção Ruy Santos. Brasília: Senado Federal, 1998.

MENDOZA, H. Anno Lucis et al. *Ars Quatuor Coronatorum*. London: Quatuor Coronati Lodge, Vol. 95, 1980.

MORAES, M. A. Tiradentes, Maçom iniciado? *Ciência & Maçonaria*, Vol. 2, Número 2, 2014, p.89-95.

MORAIS, Efraim; CAVALCANTI, Mozarildo. *O Senado e a Maçonaria – Uma coletânea de discursos*. Brasília: Ed. Senado Federal, 2008.

MOREL, Marco; SOUZA, Françoise Jean de Oliveira. *O poder da maçonaria: a história de uma sociedade secreta no Brasil*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

PIRES, Joaquim da Silva. *A Cisão Maçônica Brasileira de 1927*. Londrina: Editora Maçônica “A Trolha”, 2015.

PROBER, Kurt. *Catálogo dos Selos dos Maçons Brasileiros*. Rio de Janeiro: editado pelo autor, 1984.

SILVA, Carlos Eduardo Lins da. *Morte de Tiradentes tem contestação*. Folha de S. Paulo, São Paulo, 21 abr. 1999.

SILVA, M. J. D. Maçonaria e laicismo republicano na imprensa católica cearense. *Ciência & Maçonaria*, Brasília, Vol. 1, n.1, p. 7-19, Jan/Jun, 2013.

SOBRINHO, Octacílio Schüler. *Uma Luz na História: o sentido e a formação da COMAB*. Florianópolis: Ed. O PRUMO, 1998.

SOUSA, Octávio Tarquínio de. *A Vida de D. Pedro I – Vol. 2*. Coleção Documentos Brasileiros, nº 71. Rio de Janeiro: José Olympio, 1972.

SOUSA, Octávio Tarquínio de. *Fatos e Personagens em Torno de um Regime*. São Paulo: Editora USP. 1988.

SUPREMO Conselho do Brasil. *Revista Astréa de Estudos Maçônicos*. Rio de Janeiro: Editora Astréa, Ano: II, Nº 04, 1928.

SWANSON, P. *A História da Maçonaria Simbólica ‘Craft’ no Brasil*. Rio de Janeiro: Comp. Litho Ferreira Pinto, 1928.